

Secretário de Estado da Agricultura, da Pesca e do Desenvolvimento Rural
Altair Silva

Presidente da Epagri
Edilene Steinwandter

Diretores

Célio Haverroth
Desenvolvimento Institucional

Giovani Canola Teixeira
Administração e Finanças

Humberto Bicca Neto
Extensão Rural e Pesqueira

Vagner Miranda Portes
Ciência, Tecnologia e Inovação



Boletim Agropecuário

Autores desta edição

Alexandre Luís Giehl

Felipe Jochims

Gláucia de Almeida Padrão

Guilherme Xavier de Miranda Junior

Haroldo Tavares Elias

João Rogério Alves

Jurandi Teodoro Gugel

Tabajara Marcondes



Epagri
Empresa de Pesquisa Agropecuária
e Extensão Rural de Santa Catarina

Florianópolis
2022

Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri)

Rodovia Admar Gonzaga, 1347 – Itacorubi
Florianópolis, SC – Brasil – CEP 88034-901
Fone: (48) 3665-5000

Site: www.epagri.sc.gov.br

E-mail: epagri@epagri.sc.gov.br

Editado pelo Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Epagri/Cepa)

Rodovia Admar Gonzaga, 1486, Itacorubi
88034-901 Florianópolis, SC, Brasil
Fone: (48) 3665-5078

Site: <https://cepa.epagri.sc.gov.br/>

E-mail: online@epagri.sc.gov.br

Coordenação: Tabajara Marcondes

Revisão técnica: Dilvan L. Ferrari/Janice M. W. Reiter/Luis Augusto Araujo/Luiz Carlos Mior/Marcia Mondardo

Colaboração:

Bruna Parente Porto
Carlos Koji Kato
Claudio Luis da Silveira
Cleverson Buratto
Édila Gonçalves Botelho
Evandro Uberdan Anater
Getúlio Tadeu Tonet
Gilberto Luiz Curti
Nilsa Luzzi
Orlando Fuchs
Sidaura Lessa Graciosa

Edição: janeiro de 2022 – (*on-line*)

É permitida a reprodução parcial deste trabalho desde que citada a fonte.

Ficha Catalográfica

Boletim Agropecuário. Florianópolis: Epagri, n.1 (2014) –

Publicação iniciada em maio/2014 (nº de 1 –70). Em abril/2019 até dezembro/2021 integrou a série Documentos com numeração própria. A partir de 2022 passou a ter ISSN próprio.

Análise de mercado; Safras; Conjuntura

ISSN: 2764-7579 (on-line)

APRESENTAÇÃO

O Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Cepa), unidade de pesquisa da Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri), tem a satisfação de disponibilizar o Boletim Agropecuário *on-line*. Ele reúne as informações conjunturais de alguns dos principais produtos agropecuários do estado de Santa Catarina.

O objetivo deste documento é apresentar, de forma sucinta, as principais informações conjunturais referentes ao desenvolvimento das safras, da produção e dos mercados para os produtos selecionados. Para isso, o Boletim Agropecuário contém informações referentes à última quinzena ou aos últimos 30 dias. Em casos esporádicos, a publicação poderá conter séries mais longas e análises de eventos específicos. Além das informações por produto, eventualmente poderão ser divulgados neste documento textos com análises conjunturais que se façam pertinentes e oportunas, chamando a atenção para aspectos não especificamente voltados ao mercado.

O Boletim Agropecuário pretende ser uma ferramenta para que o produtor rural possa vislumbrar melhores oportunidades de negócios. Visa, também, fortalecer sua relação com o mercado agropecuário por meio do aumento da competitividade da agricultura catarinense.

Esta publicação está disponível em arquivo eletrônico no site da Epagri/Cepa, <https://cepa.epagri.sc.gov.br/>. Podem ser resgatadas também as edições anteriores.

Edilene Steinwandter
Presidente da Epagri

Sumário

| | |
|-------------------------|----|
| Grãos | 5 |
| Arroz | 5 |
| Feijão | 8 |
| Milho..... | 10 |
| Milho - Silagem | 14 |
| Soja | 15 |
| Trigo..... | 19 |
| Hortaliças | 21 |
| Alho..... | 21 |
| Cebola | 25 |
| Pecuária | 29 |
| Avicultura..... | 29 |
| Bovinocultura | 34 |
| Suinocultura..... | 39 |
| Leite | 45 |

Grãos

Arroz

Glauca de Almeida Padrão
Economista, Dra. – Epagri/Cepa
glauciapadrao@epagri.sc.gov.br

Mercado

Em Santa Catarina, os preços médios pagos aos produtores no mês de dezembro fecharam em R\$62,50, confirmando uma redução de 3,92% em relação a novembro. No Rio Grande do Sul, a variação entre os dois meses foi de -4,14% em dezembro, comparativamente a novembro, fechando em R\$62,47. A expectativa é que para o mês de janeiro os preços continuem em queda, embora menos acentuada do que o movimento observado nos últimos meses. A redução da renda da população em termos reais, resultou em retração da demanda interna, que combinada à redução das exportações em 2021 comparativamente à 2020, levaram ao aumento da disponibilidade interna do grão e, conseqüentemente, redução dos preços ao produtor. Entretanto, o comportamento observado nos últimos meses (julho a dezembro) tem se mostrado atípico, visto que nesse período, historicamente, são observados os maiores preços, em razão da baixa oferta e concentração da comercialização no primeiro semestre do ano. Com o avanço da safra e início da colheita nos próximos meses, a preocupação dos produtores se volta para a possibilidade de reduções acentuadas nos preços e necessidade de cobrir os custos de produção que foram elevados.

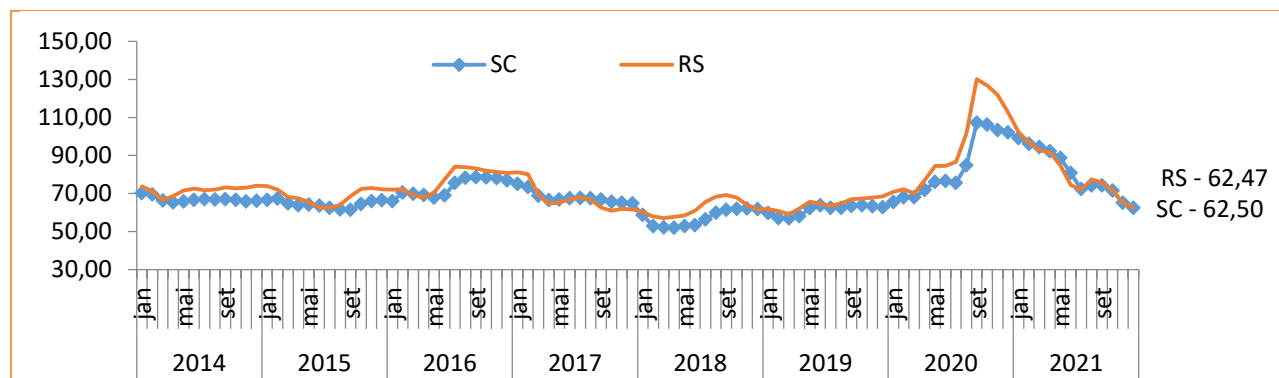


Figura 1. Arroz irrigado – SC: evolução do preço médio real mensal ao produtor – (janeiro/2014 a dezembro*/2021)

Nota: *Preço médio da primeira quinzena.

Fonte: Epagri/Cepa (SC), Cepea (RS) dezembro/2021.

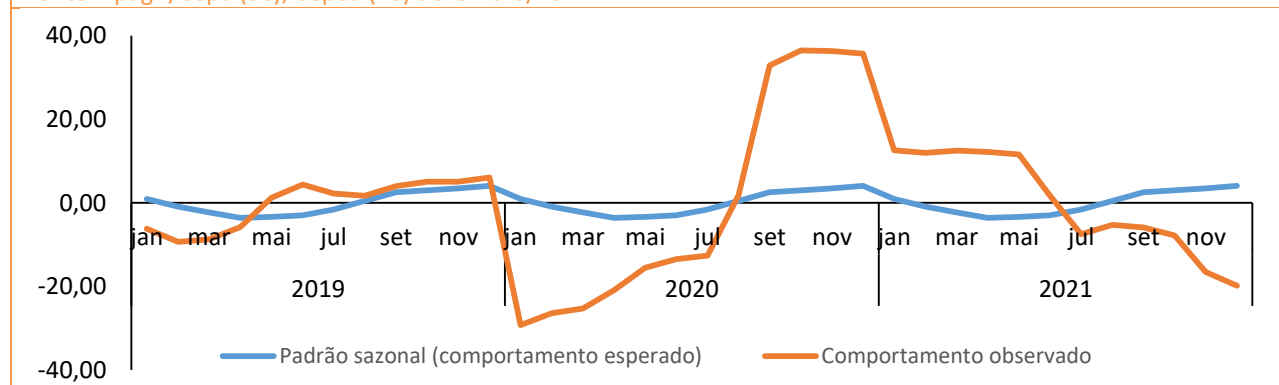


Figura 2. Arroz irrigado – SC: evolução do comportamento esperado e observado dos preços ao produtor – (janeiro/2019 a dezembro/2021)

Fonte: Epagri/Cepa, dezembro/2021.

Custo de produção

Apesar dos preços elevados ao longo do ano, os custos de produção também apresentaram comportamento crescente. A Figura 3 apresenta a distribuição do custo de produção em seus principais componentes. Em outubro de 2021, o custo operacional efetivo fechou em R\$69,63/saca de 50 kg. O maior peso nos custos de produção continua sendo o arrendamento de terras, que representa 31% do custo operacional total. Segundo levantamento realizado pela Epagri/Cepa, cerca de 60% da área produzida do estado é arrendada, valor que vem aumentando gradativamente em razão da inviabilização da atividade pelos altos custos de produção. Os serviços mecânicos ocupam o segundo lugar nos itens de maior participação nos custos de produção e responde por 26%. A maior parcela corresponde à colheita, que em sua maioria é realizada de forma terceirizada. Os gastos com insumos representam 23% do total e vem apresentando comportamento crescente nos últimos anos. Esse comportamento pode ser explicado pela alta do dólar, visto que a maioria dos agroquímicos são importados. A Figura 4 mostra a evolução dos custos de produção e seu comparativo com a margem, preço de nivelamento e preço recebido pelo produtor. Observa-se que o custo operacional total em outubro de 2021 aumentou em 6,18% em relação a abril do mesmo ano, enquanto o preço recebido pelo produtor reduziu em 0,37%. Considerando o custo operacional total, o preço de nivelamento, ou seja, aquele necessário para cobrir todos os custos em outubro seria R\$74,42/saca de 50kg, enquanto o produtor recebeu R\$71,88/saca de 50kg naquele mês. Isso resulta em uma margem bruta baixa e lucro operacional negativo, dificultando a permanência do produtor na atividade. Ao longo da série analisada, o período compreendido entre os meses de abril de 2020 a abril de 2021 foi o que apresentou melhores margens, o que permitiu ao produtor a capitalização e possibilidade de investimento nas safras futuras. A expectativa é que os preços dos insumos voltem a patamares normais nos próximos meses, assim que a oferta de matéria prima volte à normalidade. Contudo, com os preços ao produtor em queda, é provável que a margem do produtor continue apertada ou negativa.

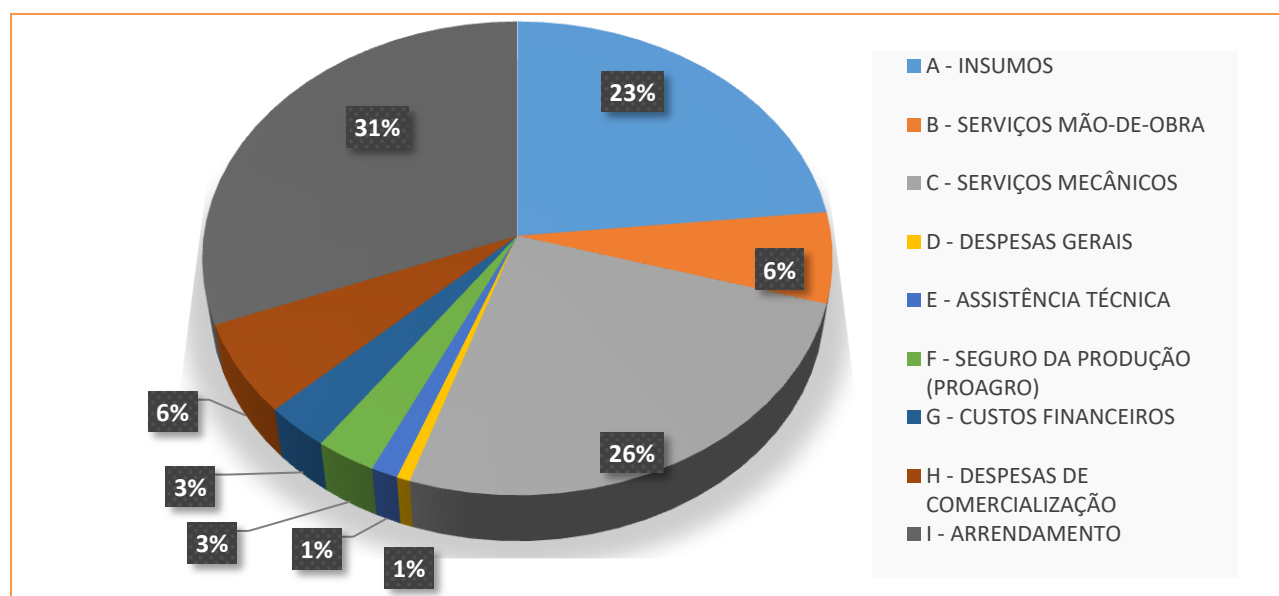


Figura 3. Arroz – SC: composição do custo operacional de produção (%) – outubro/2021

Fonte: Epagri/Cepa (SC), novembro/2021.

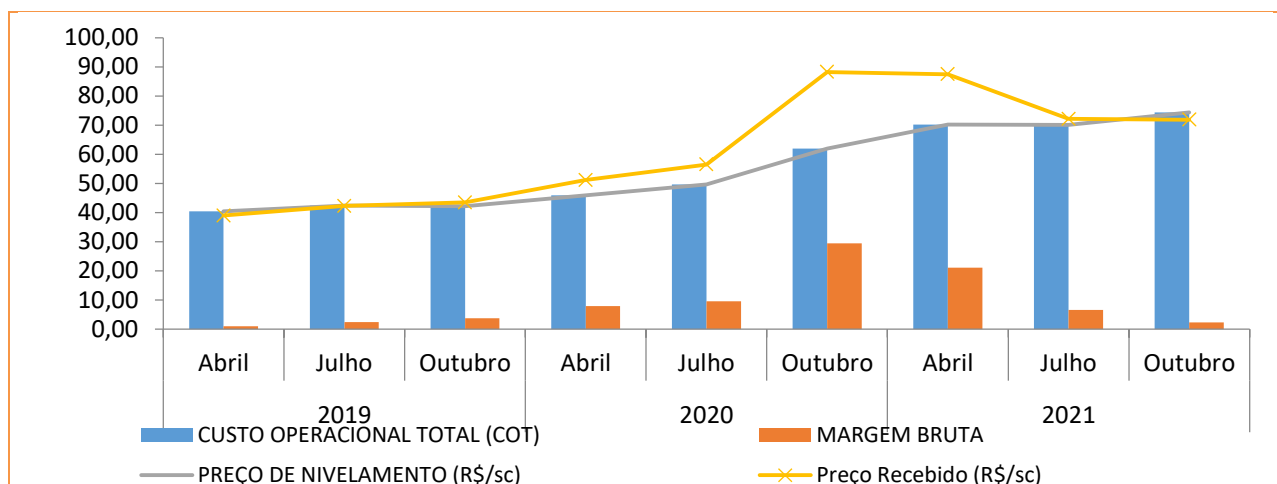


Figura 4. Arroz – SC: evolução do custo de produção, margem bruta, preço médio recebido e preço de nivelamento – (2019 a 2021)

Fonte: Epagri/Cepa (SC), novembro/2021.

Acompanhamento de safra

O plantio da safra de arroz 2021/22 está encerrado, com boa parte das lavouras em floração, especialmente no litoral norte do estado. De maneira geral, as lavouras estão com desenvolvimento dentro da normalidade, com boa sanidade e nenhum relato de problemas severos de pragas e/ou doenças. A previsão de altas temperaturas no litoral catarinense causa preocupação quanto ao bom desempenho das lavouras, visto que boa parte delas estão em plena floração. A estimativa atual da safra aponta para uma estabilidade na área plantada, em torno de 148 mil hectares e espera-se produtividade dentro da média. Até o momento, para a produtividade, estima-se uma variação de -1,74% em relação à safra anterior. Contudo, salienta-se que a última safra foi marcada por produtividades acima da média em todo o estado, devendo voltar à normalidade na atual safra.

Tabela 1. Arroz irrigado - Santa Catarina: comparativo das safras 2020/21 e 2021/22

| Microrregião | Safra 2020/21 | | | Estimativa atual Safra 2021/22 | | | Variação (%) | | |
|-----------------------|----------------|------------------|-----------------------|--------------------------------|------------------|-----------------------|--------------|--------------|--------------|
| | Área (ha) | Quant. prod. (t) | Produtividade (kg/ha) | Área (ha) | Quant. prod. (t) | Produtividade (kg/ha) | Área | Prod. | Produt. |
| Araranguá | 58.848 | 512.719 | 8.713 | 58.848 | 493.325 | 8.383 | 0,00 | -3,78 | -3,78 |
| Blumenau | 7.115 | 60.701 | 8.531 | 7.115 | 62.208 | 8.743 | 0,00 | 2,48 | 2,48 |
| Criciúma | 21.828 | 191.735 | 8.784 | 21.828 | 183.475 | 8.405 | 0,00 | -4,31 | -4,31 |
| Florianópolis | 1.895 | 11.333 | 5.981 | 1.895 | 11.908 | 6.284 | 0,00 | 5,07 | 5,07 |
| Itajaí | 9.461 | 74.895 | 7.916 | 9.461 | 76.294 | 8.064 | 0,00 | 1,87 | 1,87 |
| Ituporanga | 171 | 1.539 | 9.000 | 170 | 1.530 | 9.000 | -0,58 | -0,58 | 0,00 |
| Joinville | 18.232 | 146.238 | 8.021 | 18.382 | 151.132 | 8.222 | 0,82 | 3,35 | 2,50 |
| Rio do Sul | 10.695 | 92.338 | 8.634 | 10.615 | 95.831 | 9.028 | -0,75 | 3,78 | 4,57 |
| Tabuleiro | 132 | 877,8 | 6.650 | 132 | 924 | 7.000 | 0,00 | 5,26 | 5,26 |
| Tijucas | 2.164 | 15.780 | 7.292 | 2.164 | 15.985 | 7.387 | 0,00 | 1,30 | 1,30 |
| Tubarão | 17.738 | 140.697 | 7.932 | 17.023 | 129.158 | 7.587 | -4,03 | -8,20 | -4,35 |
| Santa Catarina | 148.279 | 1.248.853 | 8.422 | 147.633 | 1.221.769 | 8.276 | -0,44 | -2,17 | -1,74 |

Fonte: Epagri/Cepa (SC), dezembro/2021.

Feijão

João Rogério Alves
Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa
joaoalves@epagri.sc.gov.br

Mercado

O preço médio pago aos produtores catarinenses de feijão-carioca no mês de dezembro recuou 5,45% em relação ao mês anterior, fechando a média mensal em R\$216,61/sc 60kg. Já para o feijão-preto, os preços tiveram variação positiva de 2,57% no último mês, fechando a média de outubro em R\$237,64/sc 60kg. No mercado paranaense, a redução nas cotações foi de 5,97%, com o preço médio mensal para o feijão-carioca fechando em R\$237,22/sc 60kg. No mercado rio-grandense verificou-se elevação de cerca de 1% na cotação do feijão-preto, que fechou o mês de dezembro em R\$253,22/sc 60kg.

Tabela 1. Feijão – evolução do preço médio mensal pago ao produtor (R\$/60kg)

| Estado | Tipo | Dez./21 | Nov./21 | Variação mensal (%) | Dez./20 | Variação anual (%) |
|-------------------|----------------|---------------|---------------|---------------------|---------------|--------------------|
| Santa Catarina | Feijão-carioca | 216,61 | 229,09 | -5,45 | 213,13 | 1,63 |
| Paraná | | 237,22 | 252,27 | -5,97 | 288,04 | -17,64 |
| Santa Catarina | Feijão-preto | 237,64 | 231,69 | 2,57 | 252,25 | -5,79 |
| Paraná | | 230,40 | 225,39 | 2,22 | 283,20 | -18,64 |
| Rio Grande do Sul | | 253,22 | 250,73 | 0,99 | 246,47 | 2,74 |

Fonte: Epagri/Cepa (SC), SEAB/Deral (PR), Emater (RS), janeiro/2022.

O mercado nacional de feijão se manteve calmo em dezembro. Nos meses de janeiro e fevereiro, o mercado ficará na dependência da produção de São Paulo, único estado que concentra a sua colheita de feijão 1ª safra entre novembro e dezembro. A produção paulista está estimada em 110,4 mil toneladas, praticamente o mesmo volume registrado na safra anterior.

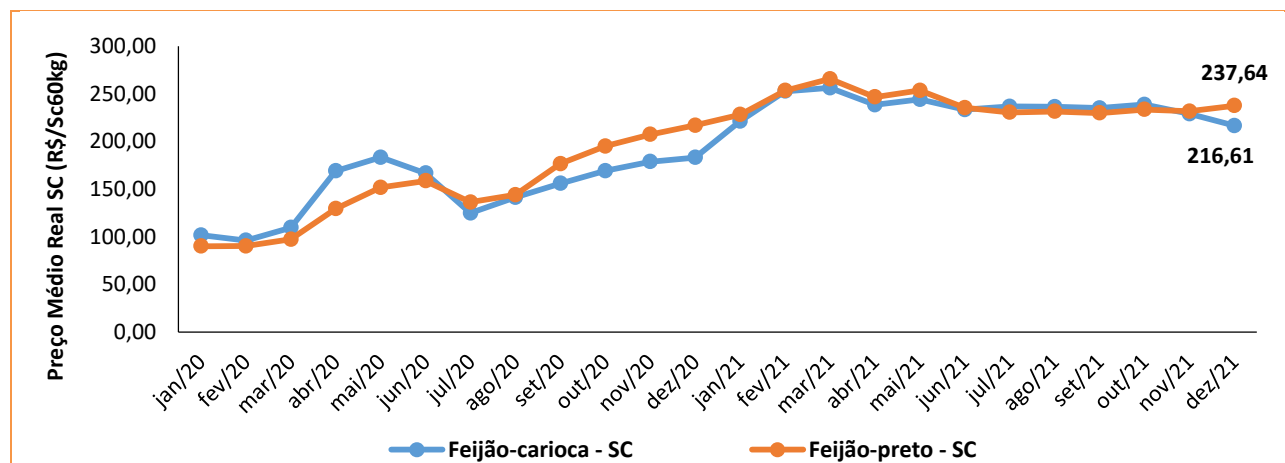


Figura 1. Feijão – Santa Catarina: evolução do preço médio real mensal ao produtor – (janeiro/2020 a dezembro/2021)

Nota: preços corrigidos pelo IGP-DI (base novembro/2021).

Fonte: Epagri/Cepa (SC), janeiro/2022

Em relação ao balanço de oferta e demanda, segundo a Conab, as importações na temporada 2021/22 deverão chegar a 100 mil toneladas. Quanto às exportações, essas deverão alcançar as 200 mil toneladas. Neste cenário, partindo-se do estoque inicial de 155,2 mil toneladas e o consumo em 2,9 milhões de

toneladas, deveremos chegar ao final do período com um estoque de passagem da ordem de 239,2 mil toneladas.

Safra Catarinense

Nas primeiras semanas de dezembro, que marcam o fim da primavera e o início do verão no hemisfério sul, o clima tem apresentado forte influência das condições de La Niña, com o registro de baixas precipitações na Região Sul. Segundo a Conab, observa-se restrição por falta de chuvas nos cultivos de verão na metade oeste do Paraná, no oeste de Santa Catarina e no noroeste e centro do Rio Grande do Sul.

Em Santa Catarina, até a última semana de dezembro, 100% da área destinada ao plantio da safra 2021/22 de feijão 1ª safra já havia sido plantada. Por outro lado, em função de uma janela de plantio bastante ampla em muitas regiões do estado, as operações de colheita avançaram, chegando a 17%. Para as lavouras que estão à campo, em cerca de 30% da área plantada, as lavouras encontravam-se na fase de desenvolvimento vegetativo, 26% alcançaram a fase de floração e 44% estavam em maturação.

A cultura do feijão foi uma das mais atingidas pela estiagem durante o mês de dezembro. As chuvas que ocorreram após o dia 20 de dezembro não amenizam as perdas, uma vez que a maioria das lavouras de feijão do estado tiveram concentração das fases de floração e granação em dezembro. Da mesma forma, a ocorrência de chuvas no início de janeiro não reverteu as perdas já confirmadas.

Cabe ressaltar que para as MRG's de Joaçaba, Curitiba e Campos de Lages, localizadas nas regiões mais altas do estado, onde o plantio do feijão 1ª safra é mais tardio, as lavouras encontram-se em melhores condições. Até a última semana do ano de 2021, aproximadamente 70% da área plantada havia alcançado a fase de floração, com cerca de 10% em fase de desenvolvimento vegetativo e 20% em fase de maturação.

Na comparação da safra atual com a anterior, cabe ressaltar que a safra 2020/21 foi igualmente atingida por estiagem prolongada, que comprometeu a safra de feijão de toda Região Oeste e Extremo Oeste do estado. Agora, na safra 2021/22, o clima novamente é fator determinante para o resultado da safra, contudo, em função da boa expectativa dos produtores para essa safra, houve um incremento na área plantada, que atualmente está em 2%.

Em função disso, mesmo com produtores amargando severos prejuízos por todo estado, e restando colher cerca de 80% da área plantada, nossas estimativas registram um aumento de 6% na produtividade média, em comparação a safra anterior. De qualquer forma, as perdas vêm se acumulando, e provavelmente deveremos ter redução nas estimativas de produtividade e produção no próximo mês.

Tabela 2. Feijão 1ª – comparativo de safra 2020/2021 e estimativa inicial safra 2021/2022

| Microrregião | Safra 2020/2021 | | | Estimativa Inicial Safra 2021/2022 | | | Variação (%) | | |
|-----------------------|-----------------|---------------|-------------------|------------------------------------|---------------|-------------------|--------------|----------|---------------|
| | Área (ha) | Produção (t) | Produtiv. (kg/ha) | Área (ha) | Produção (t) | Produtiv. (kg/ha) | Área | Produção | Produtividade |
| Araranguá | 53 | 51 | 962 | 53 | 52 | 982 | 0 | 2 | 2 |
| Campos de Lages | 6.500 | 12.772 | 1.965 | 6.780 | 13.522 | 1.994 | 4 | 6 | 2 |
| Canoinhas | 7.450 | 8.767 | 1.177 | 9.720 | 16.511 | 1.699 | 30 | 88 | 44 |
| Chapecó | 1.772 | 2.123 | 1.198 | 1.763 | 2.857 | 1.621 | -1 | 35 | 35 |
| Concórdia | 385 | 208 | 540 | 285 | 261 | 917 | -26 | 26 | 70 |
| Criciúma | 682 | 793 | 1.163 | 667 | 787 | 1.180 | -2 | -1 | 1 |
| Curitibanos | 4.310 | 10.146 | 2.354 | 3.910 | 8.607 | 2.201 | -9 | -15 | -6 |
| Joaçaba | 2.885 | 5.113 | 1.772 | 2.807 | 5.044 | 1.797 | -3 | -1 | 1 |
| São Bento do Sul | 600 | 643 | 1.072 | 600 | 980 | 1.633 | 0 | 52 | 52 |
| São M. do Oeste | 775 | 992 | 1.280 | 804 | 1.512 | 1.881 | 4 | 52 | 47 |
| Tubarão | 767 | 958 | 1.249 | 598 | 755 | 1.262 | -22 | -21 | 1 |
| Xanxerê | 4.874 | 10.759 | 2.207 | 4.472 | 7.528 | 1.683 | -8 | -30 | -24 |
| Outras MRG's | 2.054 | 3.181 | 1.549 | 1.436 | 3.065 | 2.134 | -30 | -4 | 38 |
| Santa Catarina | 33.107 | 56.507 | 1.707 | 33.895 | 61.482 | 1.814 | 2 | 9 | 6 |

Fonte: Epagri/Cepa (SC), janeiro/2022.

Milho

Haroldo Tavares Elias

Engenheiro-agrônomo, Dr. – Epagri/Cepa

htelias@epagri.sc.gov.br

Guilherme Xavier de Miranda Junior

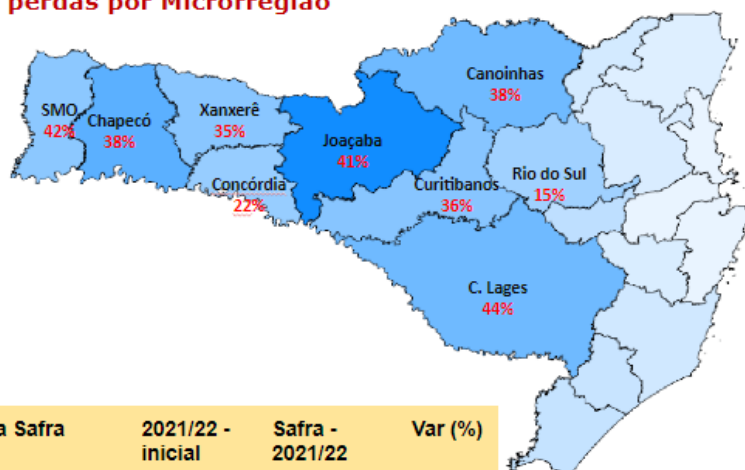
Engenheiro-agrônomo, MSc. – Epagri/Ciram

gmiranda@epagri.sc.gov.br

Efeito da estiagem no Estado

Para o período de 2021/2022 foi estimada uma produção de 2,79 milhões de toneladas (MT) de milho grão na primeira safra. A área cultivada no estado se estabiliza em cerca de 330 mil hectares (Infoagro 2022). O déficit hídrico em dezembro e janeiro/2022 se intensifica em várias regiões (Figura 2.1 e 2.2). O impacto no rendimento das lavouras já está sendo registrado em diferentes intensidades nas regiões (Figura 1). As regiões do Oeste, extremo Oeste e Planalto Norte, foram as que apresentaram maiores déficit hídrico. No entanto, em janeiro a estiagem está se estendendo para as demais regiões. A redução da produtividade é muito variável, sendo estimada entre 20 a 80% entre e dentro das microrregiões geográficas. As chuvas irregulares e mal distribuídas no período levam a um cenário distinto nas regiões e até entre localidades próximas. Em várias regiões o efeito da estiagem acarreta perdas na produção acima de 40%. A estiagem iniciou após dia 20 de novembro, quando mais de 50% das lavouras estavam em fase de floração, período sensível a falta de umidade no solo. No âmbito estadual as perdas estão em média de 43% relativo ao prognóstico inicial e produção em safras normais (Figura 1). As informações serão consolidadas nos relatórios mensais da Epagri/Cepa.

Milho Grão 1ª safra Nível de perdas por Microrregião



| Milho Grão 1a Safra | 2021/22 - inicial | Safra - 2021/22 | Var (%) |
|---------------------|-------------------|-----------------|---------|
| Área Plant (ha) | 323.723 | 330.256 | 2,0 |
| Qtd Prod (t) | 2.793.264 | 1.573.968 | -43,7 |
| Prod. Média (kg/ha) | 8.628 | 4.765 | -44,8 |

• Estimativa Preliminar do relatório de janeiro de 2022.
• Período até 15/01/2022.

Figura 1. Milho – Relatório preliminar de perdas por estiagem (%) média por microrregião, relativo a estimativa inicial – Safra 2021/2022

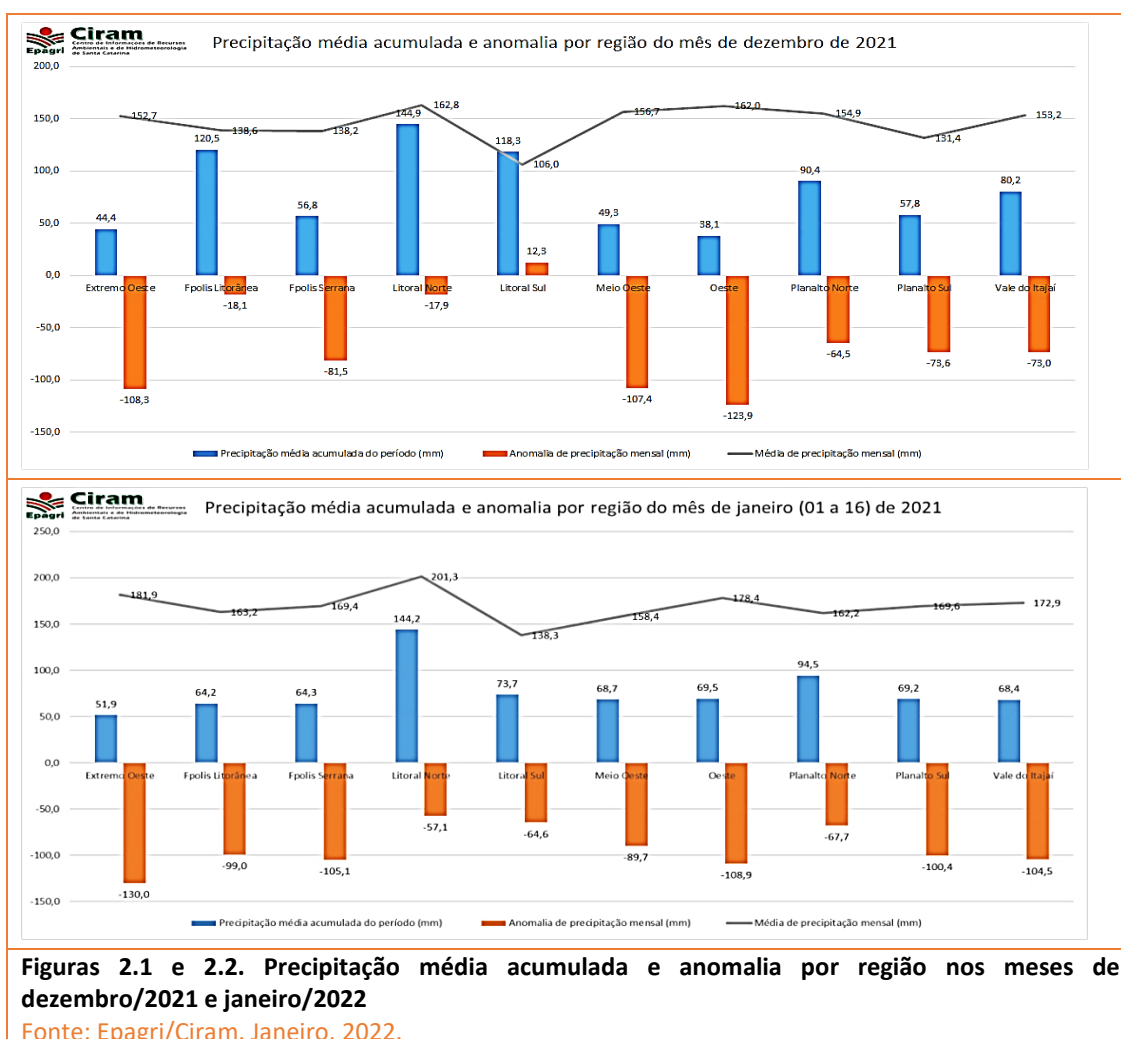
Fonte: Epagri/Cepa, janeiro de 2022.

Início da colheita em SC:

O início da colheita registra produtividades de 120 a 130 SC/ha, são oriundas de áreas com período de semeadura que ocorreram mais cedo (final de agosto), na região do Vale do Rio Uruguai. No entanto, a maior parte das áreas foram semeadas de setembro em diante e foram mais impactadas pela estiagem no período de floração das lavouras.

Anomalia climática na Safra 2021/2022

Estamos registrando uma anomalia de precipitação nos meses de novembro e dezembro e janeiro. Observa-se na figura 2.1 que as precipitações médias acumuladas por região apresentaram valores abaixo da média mensal em todo o Estado de Santa Catarina. Os menores valores registrados de chuva acumulada foram nas regiões do Extremo Oeste e Planalto Norte. Em dezembro de 2021, até o dia 15, choveu em média somente 9,4 mm no Extremo Oeste Catarinense. Estes valores baixos de precipitação nesta época do ano, principalmente do Extremo Oeste ao Meio Oeste e Planalto Norte, estão relacionados ao fenômeno “La Niña”. Este fenômeno provoca a diminuição da temperatura das águas do oceano pacífico tropical central e oriental. A influência em Santa Catarina e sul do Brasil são chuvas abaixo do esperado para este período e temperaturas elevadas. Em janeiro de 2022, o déficit hídrico se prolonga, caracterizando a anomalia climática. A variação das condições climáticas em torno da média climatológica para o período de janeiro 2022 pode ser observada na figura 2.2.



Preços

Em Santa Catarina, o comportamento dos preços ao produtor, média mensal desde 2016 a 2021 apresentou variações consistentes. O ano de 2017 foi o que registrou as menores cotações, enquanto em 2021 as mais elevadas no período. O cenário dos estoques mundiais, a pandemia e as cotações do dólar impactaram no mercado em 2020. A estiagem no sul do Brasil desde dezembro de 2021 está elevando os preços acima de R\$90,00/sc no início de 2022 (Figuras 3).

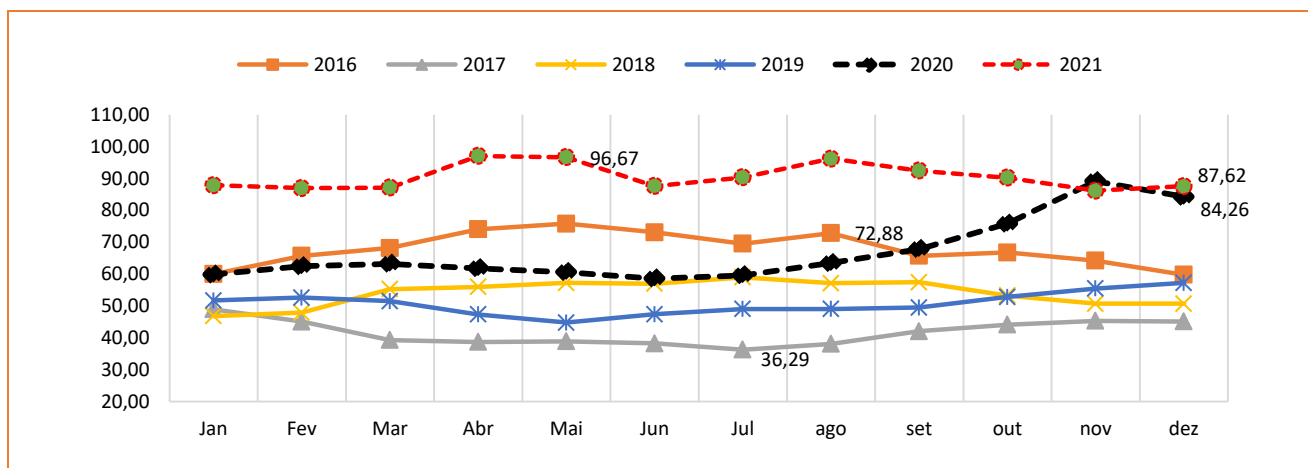


Figura 3. Milho – SC: preço médio mensal pago ao produtor (R\$/sc de 60Kg) – de 2016 a 2021 – (Valores atualizados pelo IGP-DI)

Fonte: Epagri/Cepa.

Variação diária dos preços

No início de novembro (2021) houve uma retração dos preços, registro de R\$80,00/sc em alguns dias, no entanto, desde dezembro houve forte reação nas cotações, alcançando R\$87,00/sc em dezembro/21. Em janeiro de 2022, com as incertezas da atual safra de verão os preços avançam, registro de R\$95,00/sc (Figura 4). A forte estiagem em curso (dezembro/21 e janeiro/22) em toda região sul do Brasil e Mato Grosso do Sul estão provocando a alta do produto, conforme o registro das cotações diárias de preço ao produtor no Estado (Figura 4).

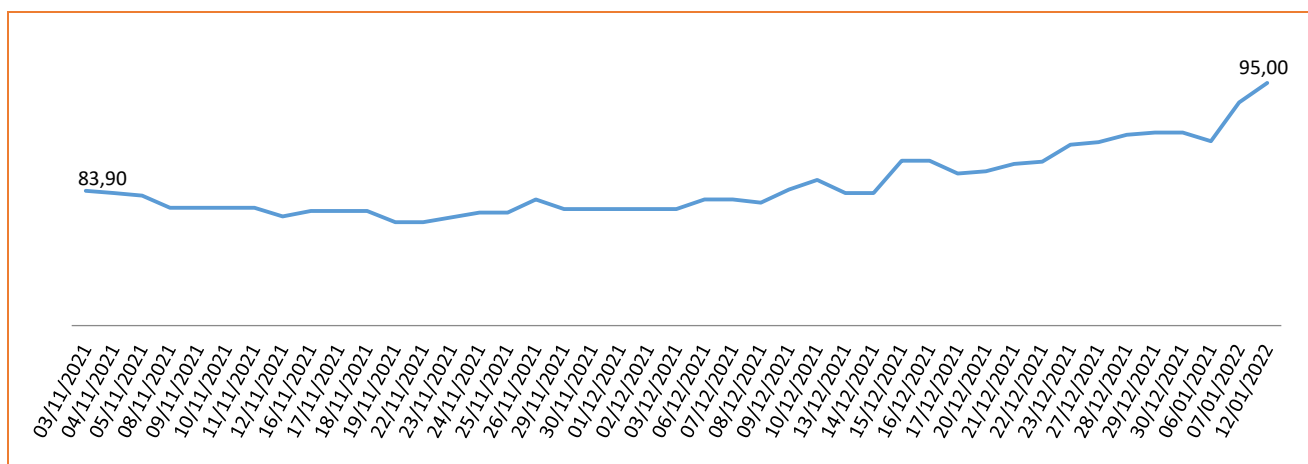


Figura 4. Milho – Preço diário pago ao produtor em Santa Catarina (R\$/sc de 60Kg) – Variação dos preços nominais nos meses de novembro/dezembro e janeiro 2022

Fonte: Epagri/Cepa

Safra Nacional de milho 2021/2022¹.

A CONAB estava prevendo a safra total de milho de 2021/22 no Brasil em 117,18 milhões de toneladas (MT), estimativa em dezembro 2021/2022 (primeira e segunda safra). No relatório de janeiro, a estimativa foi reduzida para 112,9 MT, ou seja, foi mais de 2 MT neste relatório e, deverá sofrer nova redução no próximo relatório em função do prolongamento da estiagem no sul do Brasil.

Produção Mundial²

Em seu novo boletim mensal de oferta e demanda desta quarta-feira (12/jan/2022), o USDA (Departamento de Agricultura dos Estados Unidos) trouxe mudanças importantes no quadro norte-americano do cereal. A produção subiu de 382,59 milhões de toneladas para 383,94 milhões de toneladas. O USDA revisou para cima as áreas colhidas com o grão de 34,56 milhões de hectares em dezembro, o número era 34,44 milhões de ha. Estas informações tendem a pressionar as cotações internacionais do produto, em contraponto com a redução da produção na América latina em função da estiagem na região.

¹ Acompanhamento. Safra brasileira de grãos, Brasília, v.9 – Safra 2021/22, n.4 - Quarto levantamento, p. 1-98, janeiro 2022

² Foreign Agricultural Service/USDA. January 2022. Global Market Analysis.

Milho - Silagem

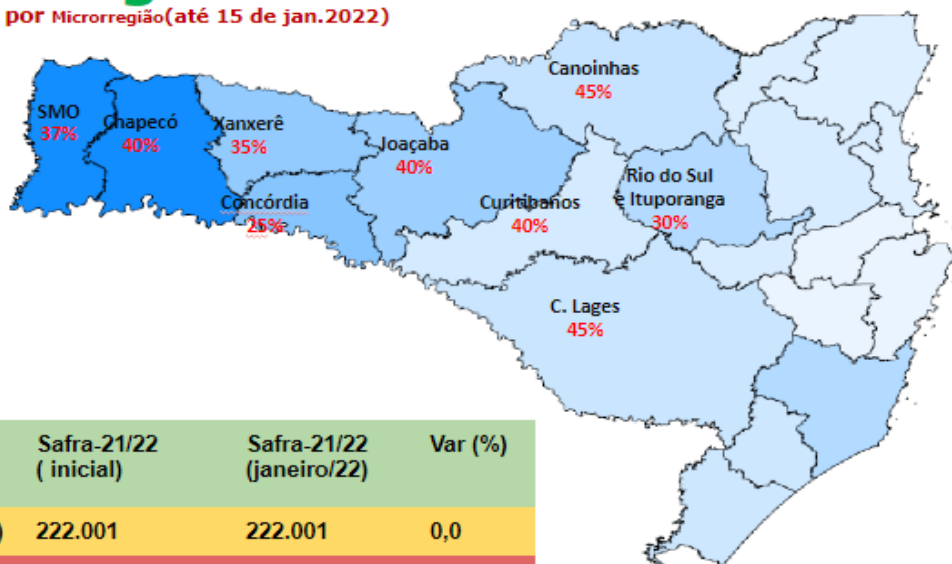
Haroldo Tavares Elias
Engenheiro-agrônomo, Dr. – Epagri/Cepa
htelias@epagri.sc.gov.br
Felipe Jochims
Zootecnista, Dr. – Epagri/Cepaf
felipejochims@epagri.sc.gov.br

Milho para fins de silagem

Com os baixos níveis de precipitação registrados em novembro de 2021, dezembro e janeiro de 2022, as perdas registradas são significativas, tanto em produtividade quanto na qualidade da silagem confeccionada. Além disso, os estoques de alimentos conservados, em especial a silagem de milho, estão baixos e tem pouca qualidade, devido a baixa qualidade do material ensilado no último ano. Em alguns locais das regiões entre São Miguel do Oeste e Chapecó, para reduzir o prejuízo, os produtores estão se antecipando, cortando e ensilando as lavouras originalmente destinadas para grãos, que mesmo com baixa qualidade, pela baixa concentração de grãos e teor de matéria seca fora do indicado, apresentam perdas menores quando comparadas as lavouras/silagens obtidas na safra de 2020. A antecipação da colheita, com grão não formado, fora do ponto correto ou até sem a espiga afeta a qualidade da silagem, tanto na parte nutricional quanto na parte de conservação (fermentação), além de dificultar a compactação do material dentro do silo. O nível de perdas no estado está em 33% relativo a estimativa inicial da produção. As condições prolongadas da estiagem podem aumentar ainda mais o nível de prejuízos aos produtores de leite do Estado.

Milho Silagem

Nível de perdas por Microrregião (até 15 de jan. 2022)



| Milho Silagem | Safra-21/22 (inicial) | Safra-21/22 (janeiro/22) | Var (%) |
|---------------------|-----------------------|--------------------------|---------|
| Área Plant (ha) | 222.001 | 222.001 | 0,0 |
| Qtd Prod (t) | 9.246.058 | 6.187.687 | -33,1 |
| Prod. Média (kg/ha) | 41.648 | 27.872 | -33,1 |

- Estimativa Preliminar do relatório de janeiro de 2022.
- Período até 15/01/2022.

Figura 1. Milho silagem – Santa Catarina: perda de produção total, em relação a estimativa inicial de produção, nas diferentes regiões de Santa Catarina – Informações em 15/01/2022

Fonte: Epagri/Cepa, Janeiro de 2022.

Soja

Haroldo Tavares Elias
Engenheiro-agrônomo, Dr. – Epagri/Cepa
htelias@epagri.sc.gov.br

Preços

Os preços, em dezembro de 2021 apresentaram média mensal R\$164,50 (em valores corrigidos IGP-DI), elevação próximo de 2% em relação ao mês anterior. Quanto a evolução dos preços nos últimos cinco anos, verifica-se mudança significativa das cotações que aconteceram a partir de julho de 2020. Durante 2021 as cotações seguiram firmes próximas de R\$150,00/sc. A pandemia foi um fator adicional para as cotações das commodities (milho, soja e trigo) no mercado internacional, seja devido ao câmbio ou pela demanda dos grãos no contexto da segurança alimentar.

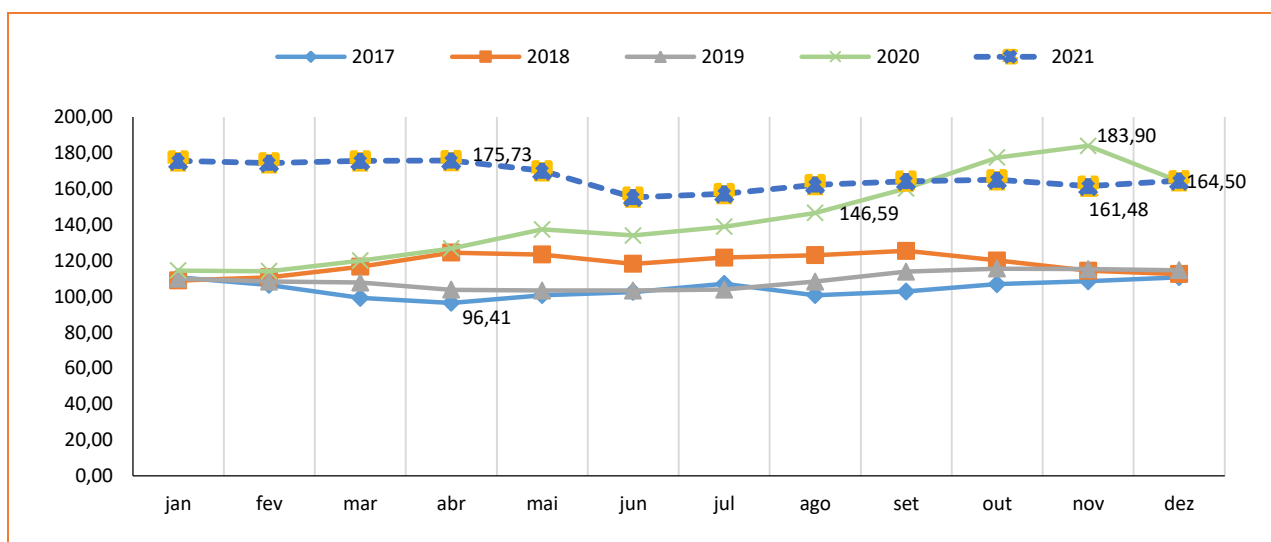


Figura 1. Soja em grão - Santa Catarina: preço médio mensal ao produtor – 2017-2021 (corrigidos pelo IGP-DI, dez 2021).

Fonte: Epagri/Cepa, Deral – PR, IMEA-MT e Agrolink (MT).

No início de 2022, os preços estão sendo orientados por fatores que apontam para a elevação das cotações. A forte estiagem no sul e excessos de chuvas no Oeste da Bahia e Tocantins devem impactar na produção nacional.

| Fatores de baixa dos preços ↓ | Fatores de alta ↑ |
|---|---|
| <ul style="list-style-type: none"> - Elevação dos estoques dos EUA; - Demanda indefinida (importações chinesas recuam 3,8% em 2021, representa cerca de 4 milhões de toneladas a menor que 2020)³; - Redução da mistura do biodiesel ao diesel⁴ em alguns países, inclusive no Brasil. | <ul style="list-style-type: none"> - Redução da produção da safra sul Americana 2021/22, em função da estiagem; - Câmbio, dólar favorece exportações; - Estoques internos reduzidos; |

³ <https://forbes.com.br/forbesagro/2022/01/china-importa-menos-38-de-soja-em-2021-com-margens-e-demanda-em-queda/>

⁴ <https://valor.globo.com/agronegocios/noticia/2022/01/13/inflacao-no-mundo-faz-biodiesel-encolher.ghtml>

Preços diários e tendências do mercado

O cenário atual mostra uma tendência de sustentação dos preços nos mercados externo e interno, com relação a estoques/consumo global e clima adverso para as lavouras da Região Sul do Brasil e da Argentina⁵, em decorrência do fenômeno La Niña. O fenômeno La Niña, provoca uma menor disponibilidade de chuvas nessas regiões, o que já afeta a produtividade da soja da safra 2021/2022.

Os preços diários apresentaram desde início de dezembro/2021 uma elevação superior a 6% no período (Figura3).

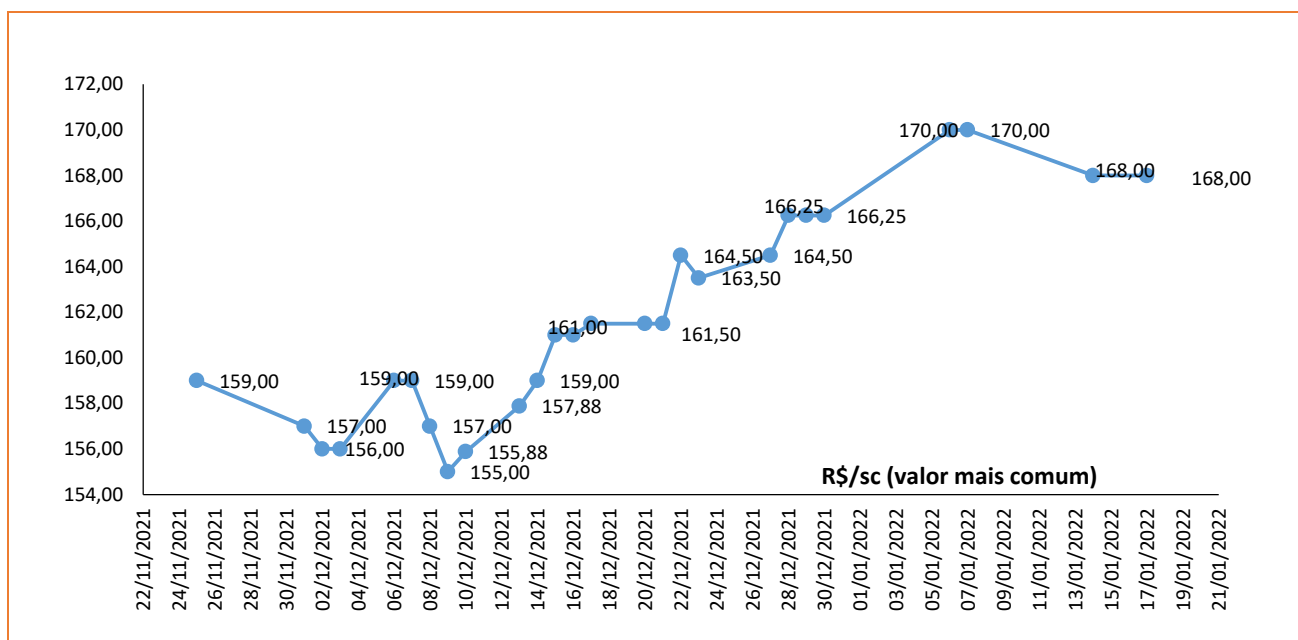


Figura 3. Soja em grão – Preços diários – Contratos para março e julho de 2022

Fonte: CME/Group e Notícias Agrícolas.

Safra 2021/2022

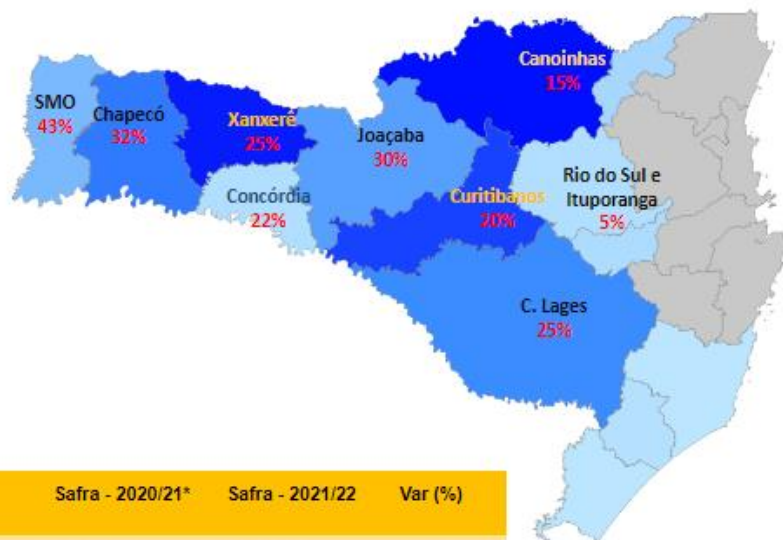
Para a safra 2021/2022 a estimativa inicial é de aumento de 3,8% da área cultivada no estado em relação à safra anterior. A estimativa inicial estava projetada em 2,63 milhões de toneladas em 698 mil hectares (primeira safra). As regiões onde se concentram a maior área de cultivo são: Canoinhas, Xanxerê e Curitiba/Campos Novos, que somam mais de 55% do total cultivado no estado.

Estiagem: A baixa precipitação pluviométrica registrada desde novembro de 2021 no Estado e na região sul do Brasil, tem provocado perdas significativas na produtividade na cultura da soja. Os prejuízos são diferenciados entre as regiões em função do calendário de plantio. A soja de ciclo precoce foi mais afetada, em função do período crítico da estiagem ocorrer na fase de floração (período mais sensível a falta de umidade no solo). Estas cultivares tem menor tempo de recuperação. As altas temperaturas potencializaram os danos, provocando queima das folhas e encurtamento do ciclo da planta.

⁵ PAS – Panorama Agrícola Semanal. Bolsa de Cereales. In: <https://www.bolsadecereales.com/estimaciones-informes>

SOJA

Nível de perdas por Microrregião



| SOJA | Safra - 2020/21* | Safra - 2021/22 | Var (%) |
|---------------------|------------------|-----------------|---------|
| Área Plant (ha) | 683.033 | 698.608 | 2,3 |
| Qtd Prod (t) | 2.555.565 | 1.797.676 | -29,7 |
| Prod. Média (kg/ha) | 3.739 | 2.573 | -31,2 |

- Estimativa Preliminar do relatório de janeiro de 2022.
- Período até 15/01/2022.

Figura 4. Soja – Santa Catarina: estimativa de perdas por estiagem, produção e produtividade na safra 2020/21 e comparativo com a safra 2021/2022 – Relatório preliminar de janeiro, 2022 – Levantamento de dados até 15 de janeiro/2022

Fonte: Epagri/Cepa.

Safra Nacional⁶

A safra brasileira de soja deverá apresentar, na temporada 2021/22, crescimento na área plantada de 3,7% em comparação à safra anterior, atingindo 40.399 mil hectares, enquanto a produção passará a atingir 140.499 mil toneladas, um aumento de 4% em relação à safra 2020/21. Em termos absoluto, a área cultivada de soja no Brasil tem aumentado cerca de um milhão de hectares por ano. Na safra 2021/2022 devem ser incorporados à produção cerca de 1,5 milhão de hectares. A estimativa de produção da safra 2021/22 teve um ajuste, passando de 142,79 milhões de toneladas para 140,5 milhões de toneladas, movido por uma redução da estimativa de produtividade que foi ocasionada por problemas climáticos adversos a cultura, principalmente no sul do Brasil. Cabe salientar que esse número ainda é uma estimativa de dados de campo e pode sofrer modificações nos próximos levantamentos.

⁶ Conab | acompanhamento da safra brasileira de grãos | v.9 – safra 2021/22, nº3 – Terceiro levantamento | dezembro 2021

Exportações do complexo soja por Santa Catarina em 2021

As exportações do complexo soja por Santa Catarina em 2021 alcançou o volume de 1,53 milhões de toneladas (MT) (Tabela 2). Em 2020 foram 2,0 milhões de toneladas, uma redução de 31,7% em 2021.

O ritmo foi mais lento em 2021, reflexo da paralização das atividades portuárias na China e a própria movimentação no Porto de São Francisco. O número é factível, pois o estado produz cerca de 2,5 milhões de toneladas (MT) (Infoagro,2021) e tem o volume de processamento em cerca de 1 MT. O item soja em grão corresponde a mais de 95% do total das exportações de Santa Catarina e cerca de 83% tem como destino a China. Contudo, o valor FOB por tonelada teve uma evolução significativa em relação aos anos anteriores, em 2020 foi US\$343,20/t (soja grão), enquanto em 2021 está em US\$458,49/t. um aumento superior a 33% no ano (ME. Secex, 2021).

Tabela 1. Soja. Exportações do complexo soja por Santa Catarina em 2021

| Produtos Exportados | Volume SC (t) | Valor SC (mil US\$) | US\$/t SC |
|---|---------------------|---------------------|---------------|
| Produtos de origem vegetal | 1.524.923,03 | 752.573,79 | 493,52 |
| Produtos do complexo soja | 1.524.923,03 | 752.573,79 | 493,52 |
| 12019000-Soja, mesmo triturada, exceto para semeadura | 1.450.599,52 | 665.078,63 | 458,49 |
| 12081000-Farinha de soja | 17,06 | 31,83 | 1.866,49 |
| 15071000-Óleo de soja, em bruto, mesmo degomado | 60.428,26 | 77.110,49 | 1.276,07 |
| 15079011-Óleo de soja, refinado, em recipientes com capacidade inferior ou igual a 5 litros | 3.588,88 | 4.934,80 | 1.375,02 |
| 15079019-Óleo de soja, refinado, em recipientes com capacidade menor que 5 litros | 855,67 | 1.138,57 | 1.330,61 |
| 15079090-Outros óleos de soja | 48,46 | 68,27 | 1.408,62 |
| 23040090-Bagaços e outros resíduos sólidos, da extração do óleo de soja | 9.385,17 | 4.211,21 | 448,71 |
| Total | 1.524.923,03 | 752.573,79 | 493,52 |

Fonte: ME. Secex. Consulta em 17/01/2022. Elaboração Epagri/Cepa.

Trigo

João Rogério Alves
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
joaoalves@epagri.sc.gov.br

Mercado

No mês de dezembro, as cotações de trigo tiveram ligeira alta no mercado catarinense com aumento de 1,08% em relação a novembro, fechando o mês em R\$ 86,70/saca 60 kg. A variação anual de preços, em termos nominais, foi 20,23% superior ao preço médio praticado em dezembro de 2020. O comportamento altista dos preços da saca de trigo também foi observado no mercado paranaense.

| Tabela 1. Trigo Grão: preços médios pagos ao produtor – R\$/saca de 60kg | | | | | |
|--|---------|---------|---------------------|---------|--------------------|
| Estado | Dez./21 | Nov./21 | Variação mensal (%) | Dez./20 | Variação anual (%) |
| Santa Catarina | 86,70 | 85,77 | 1,08 | 72,11 | 20,23 |
| Paraná | 88,17 | 87,43 | 0,85 | 68,31 | 29,07 |
| Rio Grande do Sul | 82,56 | 82,62 | -0,07 | 70,71 | 16,76 |

Nota: Trigo Pão PH78.

Fonte: Epagri/Cepa (SC), SEAB/Deral (PR), Emater (RS), janeiro/2022.

A colheita da safra 2021/22 de trigo está encerrada em todo país. O clima mais uma vez prejudicou a safra, sobretudo na fase de colheita, com destaque para as lavouras da Região Sul do país, onde a ocorrência de estiagens, ventos fortes e granizo, prejudicaram as operações de colheita. Contudo, o aumento da área plantada tem compensado as perdas em produtividade das lavouras atingidas. A estimativa atual da Conab, é de produção nacional na ordem de 7,8 milhões de toneladas, indicando crescimento de 25,3% em relação ao volume colhido no exercício passado.

Durante o mês de dezembro, segundo a Conab, mesmo com a confirmação de um expressivo aumento da oferta interna, não foi observada desvalorização nas cotações domésticas devido à alta cambial que sustenta em patamares elevados os altos custos de importação e a valorização do produto no mercado internacional. A perspectiva global do trigo para 2021/22 é de oferta reduzida, consumo ligeiramente superior, aumento do comércio internacional e redução dos estoques finais.

As projeções do USDA (Departamento de Agricultura Norte-Americano), apontam para uma redução na produção mundial de 0,6 milhões de toneladas, ficando em 775,3 milhões. Quanto ao consumo mundial, o USDA projeta um aumento de 0,4 milhão de toneladas, passando para 787,2 milhões. Para os estoques finais globais, foi projetada uma redução de 1,4 milhões de toneladas, ficando no mês de novembro em 275,8 milhões.

Safra Catarinense

Nas Microrregiões Geográficas (MRG's) de Canoinhas e São Bento do Sul, no Planalto Norte catarinense, a área plantada cresceu em torno de 70%. O clima prejudicou o desenvolvimento das lavouras, provocando redução na produtividade, que ficou com uma média de 3.200 kg/ha. Para as MRG's de Chapecó, Xanxerê, Concórdia e São Miguel do Oeste, a produtividade média observada variou de 3.000 a 3.200 kg/ha.

Nas regiões de maior altitude e mais frias do estado, que abrange as MRG's de Curitibaanos, Campos de Lages e Joaçaba, as lavouras foram colhidas mais tarde, com isso a produtividade média ficou entre 3.700 e 4.400kg/ha. Nessa região, as condições climáticas na fase de maturação e colheita foram mais favoráveis, em comparação às demais regiões do estado.

Em relação a área plantada, fechamos a safra com uma estimativa de crescimento de 76% em relação à safra anterior. A produtividade também cresceu em média 15%. Como resultado, teremos uma safra maior em cerca de 102%, com uma produção total estimada de 348 mil toneladas. Condições climáticas extremas, como ventos fortes, estiagem e granizo, marcaram esta safra, sobretudo no terço final do ciclo de desenvolvimento da cultura, fatores que prejudicaram a qualidade e quantidade dos grãos colhidos.

A safra 2021/22, para os cereais de inverno, foi marcada também por uma forte elevação nas estimativas de área plantada, produtividade e produção. Os fatores fundamentais para esses expressivos aumentos foram: a) alta nas cotações do dólar, o que restringiu a aquisição de trigo importado; b) preços pagos ao produtor elevados, c) redução dos estoques dos moinhos, levando compradores a adquirir novos lotes do produto; d) melhor utilização dos componentes do custo de produção, como máquinas e mão de obra; e) melhoria nas condições de solo para o plantio direto de culturas de verão.

Por fim, vale a pena registrar que a Secretaria de Estado da Agricultura, Pesca e do Desenvolvimento Rural - SAR, disponibilizou R\$ 5 milhões para apoiar os produtores de cereais de inverno. O programa prevê a concessão de uma subvenção de R\$ 250,00 por hectare efetivamente plantado com cereais de inverno, cujo destino da produção seja a fabricação de rações, num limite de 10 hectares por produtor. A intenção da SAR era ampliar em 20 mil hectares a área estadual cultivada com cereais de inverno.

Tabela 2. Trigo grão – Comparativo entre a safra 2020/21 e estimativa safra 2021/22

| Microrregião | Safra 2020/21 | | | Estimativa Safra 2021/22 | | | Variação (%) | | |
|-----------------------|---------------|----------------|-------------------|--------------------------|----------------|-------------------|--------------|------------|-----------|
| | Área (ha) | Produção (t) | Produtiv. (kg/ha) | Área (ha) | Produção (t) | Produtiv. (kg/ha) | Área | Produção | Produt. |
| Campos de Lages | 634 | 1.285 | 2.027 | 3.465 | 14.313 | 4.131 | 447 | 1014 | 104 |
| Canoinhas | 13.300 | 46.780 | 3.517 | 22.700 | 73.910 | 3.256 | 71 | 58 | -7 |
| Chapecó | 13.493 | 35.785 | 2.652 | 24.420 | 74.944 | 3.069 | 81 | 109 | 16 |
| Concórdia | 1.121 | 3.355 | 2.993 | 1.810 | 6.540 | 3.613 | 61 | 95 | 21 |
| Curitibanos | 9.040 | 29.212 | 3.231 | 14.320 | 63.892 | 4.462 | 58 | 119 | 38 |
| Ituporanga | 781 | 2.032 | 2.601 | 1.940 | 4.488 | 2.313 | 148 | 121 | -11 |
| Joaçaba | 3.987 | 9.779 | 2.453 | 6.116 | 22.675 | 3.708 | 53 | 132 | 51 |
| Rio do Sul | 250 | 605 | 2.420 | 1.060 | 2.430 | 2.292 | 324 | 302 | -5 |
| São Bento do Sul | 700 | 2.310 | 3.300 | 1.150 | 3.710 | 3.226 | 64 | 61 | -2 |
| São M. do Oeste | 4.595 | 11.870 | 2.583 | 8.260 | 24.859 | 3.010 | 80 | 109 | 17 |
| Xanxerê | 10.531 | 29.065 | 2.760 | 17.450 | 56.300 | 3.226 | 66 | 94 | 17 |
| Santa Catarina | 58.432 | 172.079 | 2.945 | 102.691 | 348.060 | 3.389 | 76 | 102 | 15 |

Fonte: Epagri/Cepa, janeiro/2021.

Hortaliças

Alho

Jurandi Teodoro Gugel
Engenheiro-agrônomo - Epagri/Cepa
jurandiqugel@epagri.sc.gov.br

Em 2021 o Brasil contou com a expansão da área de cultivo da cultura de alho e expressivos ganhos em produtividade. Embora ainda não tenhamos dados oficiais, segundo as informações de associações estaduais de produtores de alho e da Associação Nacional dos Produtores de Alho (ANAPA), o ano fechou com significativa mudança na história recente da cultura no país. Nesse sentido, há indicativos do setor produtivo de que foram plantados mais de 16 mil hectares no país. Isso significa um crescimento acima de 30% na área plantada em relação à safra 2020. Os estados que puxaram esse avanço foram principalmente Minas Gerais e Goiás, com significativo aumento na área plantada e na produtividade.

Outro aspecto importante para a cultura do alho no país em 2021, foi a capacidade demonstrada pela cadeia produtiva no sentido de garantir o abastecimento do mercado interno em um ano que a importação da hortaliça foi a menor dos últimos quinze anos. Por outro lado, concomitante aos esforços de aumento da produção, está em curso no país uma estratégia de marketing da cadeia produtiva com o objetivo de valorizar o alho brasileiro, cujos resultados estão atendendo as expectativas do setor pelo reconhecimento e valorização do produto nacional pelos consumidores em geral.

Mesmo com os avanços alcançados, o ano de 2021 trouxe algumas reflexões, especialmente para Santa Catarina. Diferentemente das regiões do centro do país, a cultura do alho no estado é produzida em pequenas propriedades por agricultores familiares. Segundo o IBGE (2017) são mais de 3.600 estabelecimentos com produção comercial de alho, cuja área média é pouco mais de 0,5 hectares, num estado que, não raramente é afetado por problemas climáticos dos mais diversos.

Estas características do estado e do sistema de produção do alho catarinense apontam para a necessidade de políticas públicas de apoio à agricultura familiar em função da importância socioeconômica para o estado, seja pelo valor da produção, pelos milhares de postos de trabalho gerados na cadeia produtiva e pela dinamização das economias locais onde há o cultivo da hortaliça.

Nesse sentido, a articulação entre o setor produtivo e os entes públicos para viabilizar políticas públicas, de certa forma foi retomada pelas ações da câmara técnica da cultura do alho do Conselho Estadual de Desenvolvimento Rural com o objetivo de manter e ampliar ações na pesquisa agrônômica, desenvolvimento de novos cultivares, sementes livres de vírus, crédito rural, assistência técnica, Proagro e Seguro Rural, bem como apoio a melhorias na infraestrutura de produção das propriedades e de estações agroclimáticas nas regiões produtoras. Esse conjunto de ações, se implementados, contribuirão para maior segurança econômica dos produtores, mantendo competitiva a produção da hortaliça no estado, visto que o aumento da produção em grande escala que ocorre nos estados do centro do país, como Minas Gerais e Goiás pode afetar o desempenho da cultura em Santa Catarina.

Preços

Em 2021, de forma geral, os preços foram bons para os produtores, ficando acima do custo de produção. No caso da safra catarinense, a comercialização da safra 2019/20, que ocorreu no início de 2021, iniciou com preços em alta, porém teve redução nos meses de março e abril, apesar da retração nas importações. Dessa forma, alguns produtores catarinenses tiveram dificuldades de mercado para a finalização da comercialização. A comercialização da atual safra catarinense ainda está no início e os preços desde

dezembro estão na faixa de R\$6,00/kg para as classes 2 e 3, R\$10,00/kg para as classes 4 e 5 e, R\$12,25/kg para as classes 6 e 7.

No mercado atacadista da CEAGESP, unidade do governo federal localizada no município de São Paulo, maior central de abastecimento do Brasil, o alho roxo nobre nacional, classe 5, foi comercializado na primeira semana de dezembro a R\$14,65/kg, apresentando aumento de 4,03% em relação ao início do mês de novembro. Contudo, no mês de dezembro o preço cotado foi de R\$14,02/kg. No mesmo período, o alho classe 6 passou de R\$15,78/kg para R\$15,56/kg, redução de 1,40%, e o alho classe 7 fechou dezembro no valor de R\$16,76/kg, redução de 0,54% no mês.

No mês de dezembro iniciou a comercialização de alho argentino, cujos preços foram de R\$12,00/kg para o alho classe 5, R\$13,50/kg para o alho classe 6 e de R\$14,51/kg para o alho classe 7.

O mês de janeiro de 2022, iniciou com os preços de atacado com pequena baixa para o alho de todas as classes. A redução de preços em relação ao final do mês de dezembro foi de 5,56% para o alho classe 5, de 4,9% para o alho classe 6 e de 2,68% para o alho classe 7.

Na Ceasa/SC, unidade de São José, o alho nobre nacional, classes 4 e 5, apresentou preços estáveis durante todo o mês, sendo comercializado a R\$14,00/kg. Seguindo a mesma lógica, o alho classes 6 e 7 se manteve a R\$16,00/kg durante todo o mês. O alho importado, classes 4 e 5, também permaneceu com preço estável e foi comercializado a R\$15,00/kg.

Produção

Em dezembro, a safra catarinense de alho teve a colheita encerrada. As condições climáticas para a safra foram favoráveis ao desenvolvimento da cultura. As condições climáticas como chuvas bem distribuídas e as temperaturas foram adequadas à cultura de modo geral em todo o ciclo. Estas condições asseguraram que as lavouras se desenvolvessem em condições favoráveis à produção de bulbos de qualidade, tanto em relação ao calibre, quanto em sanidade.

Em relação à área plantada, segundo o acompanhamento sistemático do projeto safras da Epagri/Cepa, em Santa Catarina foram plantados 1.808 hectares, crescimento de 5,3% em relação à estimativa inicial da safra. A expectativa de produção da hortaliça no estado é de 19.109,5 toneladas, com um rendimento médio de 10.569 kg/ha, 3,55% de maior em relação à estimativa inicial de safra, que era de 10.206 kg/ha. Este ganho em produtividade se deu pelas boas condições climáticas durante praticamente todo o ciclo de desenvolvimento da hortaliça.

Comércio exterior

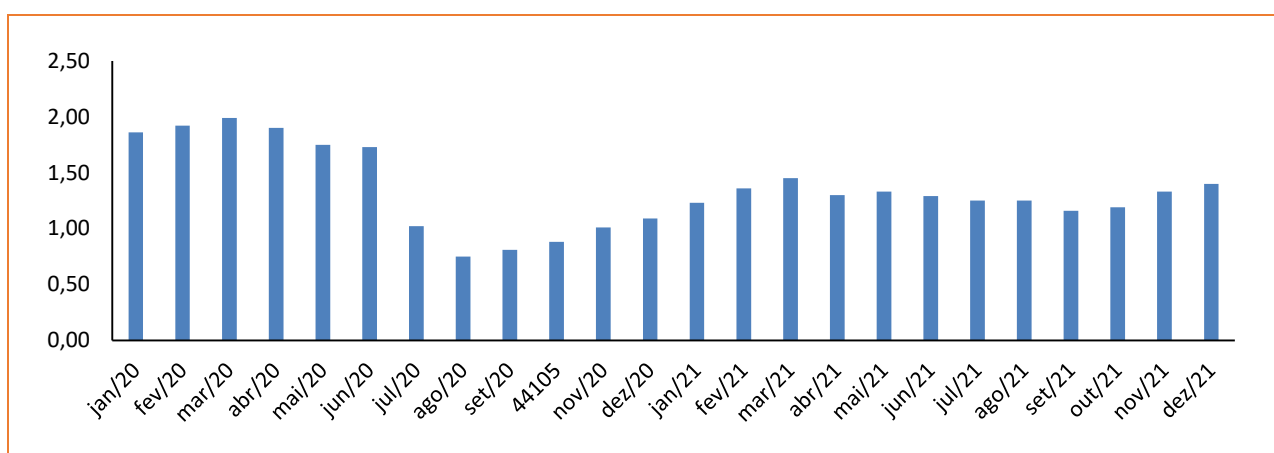
Em dezembro de 2021 foram importadas apenas 13,65 mil toneladas de alho, sinalizando uma certa recuperação em relação aos meses anteriores e ficando mais próximo do histórico para o mês nos últimos anos. De qualquer forma, 2021 foi um ano de baixa importação de alho pelo Brasil, fechando com a importação de 125,70 mil toneladas, menor volume dos últimos quinze anos. Comparativamente ao ano de 2020, a redução foi de 35,04%, o que também favoreceu a produção nacional (Tabela 1).

Tabela 1. Alho – Brasil: importações de janeiro/2017 a dezembro/2021 (mil t)

| Ano | Jan. | Fev. | Mar. | Abr. | Mai | Jun. | Jul. | Ago. | Set. | Out. | Nov. | Dez. | Total |
|------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|---------------|
| 2017 | 12,63 | 10,00 | 12,79 | 12,38 | 13,90 | 9,43 | 12,97 | 18,12 | 12,02 | 13,64 | 11,20 | 20,12 | 159,20 |
| 2018 | 17,24 | 14,53 | 17,28 | 14,77 | 16,67 | 13,33 | 15,99 | 12,70 | 8,61 | 10,39 | 7,59 | 15,71 | 164,81 |
| 2019 | 18,06 | 16,28 | 13,59 | 15,77 | 15,56 | 12,58 | 15,05 | 11,21 | 7,78 | 11,16 | 9,20 | 19,19 | 165,43 |
| 2020 | 20,43 | 15,07 | 16,36 | 14,57 | 16,69 | 18,93 | 23,33 | 15,90 | 12,01 | 9,39 | 16,15 | 14,63 | 193,51 |
| 2021 | 11,76 | 14,58 | 13,76 | 14,62 | 17,71 | 16,15 | 11,49 | 3,25 | 2,53 | 2,61 | 3,57 | 13,65 | 125,70 |

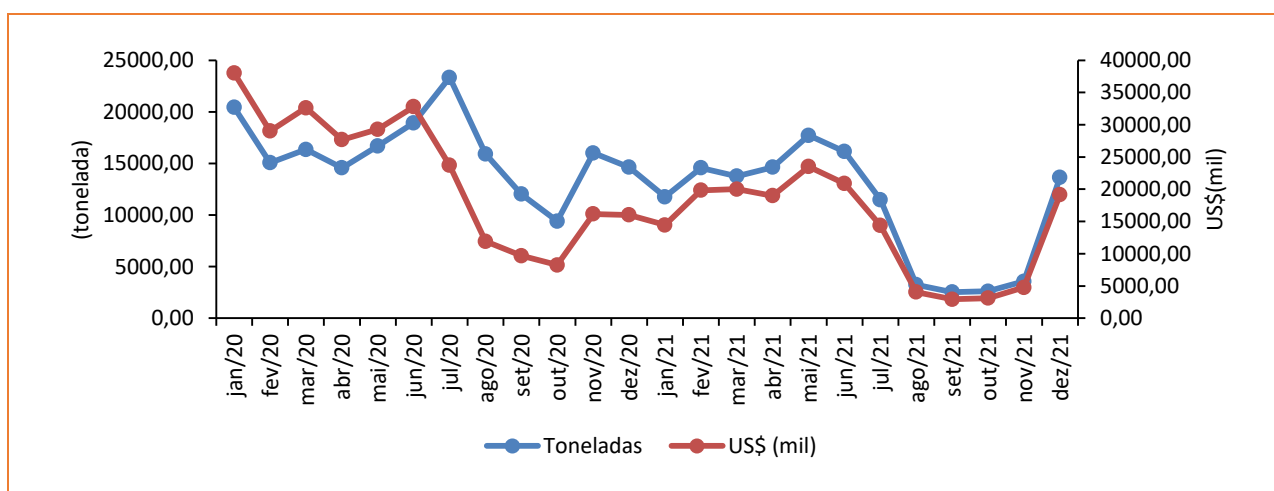
Fonte: Comexstat/ME: janeiro/2022.

Com relação ao preço médio (FOB) do alho importado, em dezembro verificou-se um aumento, embora pequeno, em relação ao mês de novembro, passando de US\$1,33/kg, para US\$1,40/kg, ou seja, 5,4%, conforme exposto na Figura 1.


Figura 1. Alho – Brasil: evolução do preço médio (FOB) de importação – jan/2020 a dez/2021 (US\$/kg)

Fonte: ComexStat/ME: janeiro/2022.

Na Figura 2 apresentamos a evolução da quantidade de alho internalizada e o desembolso mensal pelo Brasil, no período de janeiro de 2020 a dezembro de 2021. O desembolso com a importação da hortaliça no mês de dezembro/21 foi de US\$19,17 milhões (FOB), aumento de 301% em relação a novembro, quando foram gastos US\$4,77 milhões. O volume importado passou de 3,57 mil toneladas para 13,65 mil toneladas, aumento de 282,35% no mês.


Figura 2. Alho - Brasil: volume (t) e valores (mil US\$) da importação de jan/2020 a dez/2021

Fonte: ComexStat/ME: janeiro/2022.

No mês de dezembro, os fornecedores de alho para o Brasil foram a Argentina com 11,34 mil toneladas, perfazendo 83,09% da importação no mês, a China com 2,04 mil toneladas, representando 14,95% do total e os demais países com 0,26 mil toneladas, representando 1,96% da importação no mês (Figura 3).

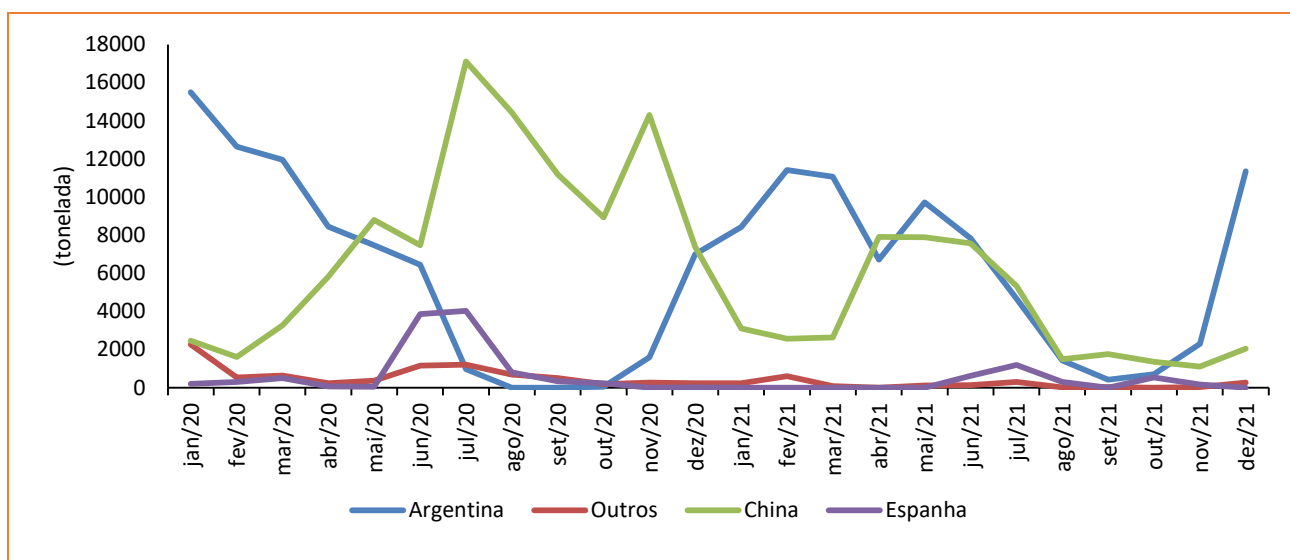


Figura 3. Alho – Brasil: participação dos principais países fornecedores de jan/2020 a dez/2021 (t)

Fonte: Comexstat/ME, janeiro/2022.

Como registrado em edições anteriores do Boletim Agropecuário, em 2021 houve de parte da cadeia produtiva e de órgãos públicos como Epagri, prefeituras municipais das regiões produtoras de alho, dentre outros, uma série de ações no sentido de estruturar um programa de apoio ao desenvolvimento da produção de alho em Santa Catarina. Nesse sentido, se destaca o trabalho da câmara técnica do alho do Conselho Estadual de Desenvolvimento Rural que contribuiu para a organização de debates e eventos sobre as potencialidades da cultura no estado.

De acordo com os debates e demandas apresentadas pela cadeia produtiva, a câmara técnica da cultura do alho do CDRural, em reunião no dia 15/12/2021 encaminhou um conjunto de demandas e ações de políticas públicas para apoiar a produção da hortaliça em Santa Catarina, como:

- Maior rigor do estado na fiscalização da entrada do produto importado nas fronteiras de acordo com as normas do Mercosul;
- Maior envolvimento da estrutura do estado na construção e divulgação da IG do Alho Roxo do Planalto Catarinense;
- Melhorias e manutenção das estações meteorológicas da região produtora de alho;
- Apoio da Secretaria de Estado da Agricultura, da pesca e do Desenvolvimento Rural (SAR) à pesquisa sobre a cultura, financiamentos para a produção e aquisição de sementes de qualidade superior e livre de vírus;
- Estruturar programa de apoio à infraestrutura de produção das propriedades produtoras, especialmente na armazenagem de água para a irrigação.

Assim, nos parece que a cadeia produtiva do alho catarinense está dando passos importantes na busca de alternativas para manter a competitividade da produção catarinense, possibilitando que a cultura permaneça como alternativa de trabalho e renda para o segmento da agricultura familiar no estado.

Cebola

Jurandi Teodoro Gugel
Engenheiro-agrônomo - Epagri/Cepa
jurandigugel@epagri.sc.gov.br

O ano de 2021 foi positivo para a cultura da cebola em Santa Catarina. A comercialização da safra 2019/20, apesar das perdas ocorridas pela estiagem e granizo, obteve preços médios acima de R\$2,00/kg. Com isso, a maioria dos produtores comercializaram a produção com boa rentabilidade.

Para a safra 2020/21, cuja comercialização está sendo realizada, as condições climáticas durante praticamente todo o ciclo de desenvolvimento foram favoráveis para a cultura, exceto no período de 15 de outubro a 20 de novembro quando ocorreram chuvas mais frequentes e redução na luminosidade, propiciando condições para o desenvolvimento de doenças foliares e afetando a produção em algumas propriedades localizadas em regiões mais baixas. Dessa forma, os produtores foram obrigados a intensificar a aplicação de agrotóxicos para o controle de doenças com consequente aumento no custo de produção.

Preços e Mercado

Em 2021, o mercado nacional da cebola foi abastecido fortemente pela produção do país, visto que as importações foram as menores dos últimos anos. Diferentemente da Região Sul que comercializou a produção da safra 2019/20 no início de 2021, com bom retorno aos produtores, outras regiões do país, como São Paulo e o próprio Cerrado tiveram problemas, seja pela grande oferta em determinados momentos, seja pela baixa qualidade do produto em função do excesso de chuvas. Dessa forma, importantes volumes do produto foram comercializados a preço abaixo do custo de produção.

Com relação a comercialização da atual safra catarinense, o ritmo é considerado normal e já atingiu em torno de 35% da produção na Região do Alto Vale, principal região produtora do estado. Como afirmado na edição de dezembro do Boletim Agropecuário, a cebola catarinense impactou positivamente o mercado pela excelente qualidade dos bulbos da presente safra. Assim, os produtores estão podendo escalonar a comercialização, se necessário, em função da boa qualidade do produto que permite armazenamento por tempo maior nos galpões.

Com relação aos preços pagos ao produtor catarinense, nas últimas semanas o preço ficou entre R\$1,80/kg e R\$1,90/kg, valores que estão acima do custo de produção, portanto sendo rentável aos produtores.

Na CEAGESP/SP, na primeira semana de dezembro, o preço da cebola média foi de R\$2,14/kg, aumento de 6,47% em relação aos preços praticados no início de novembro, que foi de R\$2,01/kg. O mês fechou com preço de R\$2,65/kg, aumento de 23,88% no mês.

O mês de janeiro iniciou com cotações se mantendo acima de R\$2,56/kg, com sucessivas melhorias durante a primeira quinzena, atingindo R\$2,73/kg no dia 10/01.

Na Ceasa/SC (Unidade de São José), o mês de dezembro iniciou com preço de atacado para a cebola nacional a R\$2,00/kg, aumento de 14,28% em relação ao início do mês de novembro. No início da segunda quinzena, os preços passaram a R\$2,25/kg, aumento de 12,25% em relação ao início do mês, preço que se manteve até o final de dezembro e primeiras semanas de janeiro de 2022. A cebola argentina se manteve ao preço de R\$2,25/kg durante todo o mês de dezembro e primeiras semanas de janeiro.

Safra Catarinense

Conforme dados do acompanhamento de campo do projeto safras da Epagri/Cepa, a safra catarinense de cebola 2021/22 se encontra na fase final de colheita e em plena comercialização. Ainda conforme os dados do acompanhamento da safra, em Santa Catarina foram plantados 17.458 ha, com produção estimada de aproximadamente 500 mil toneladas, podendo ultrapassar esta marca.

Como registrado anteriormente, a boa recuperação das lavouras que foram afetadas por excesso de umidade e baixa luminosidade no período entre 15 de outubro e 20 de novembro, em algumas regiões, ocasionou uma produção de cebola no estado que está surpreendendo pela qualidade dos bulbos e produtividade das lavouras que pode ficar próximo de 30 toneladas por hectare.

Importação

De acordo com os dados do SISCOMEX/ME, em 2020, o Brasil importou 197,7 mil toneladas de cebola, volume 6,51% menor que no ano de 2019. Em 2021, devido à grande oferta do produto nacional proporcionada pelas regiões do Nordeste e centro do país, associada ao câmbio elevado e alto custo do frete marítimo, as importações foram reduzidas desde o mês de maio comparativamente aos anos anteriores. O volume importado no ano foi de 116.961 toneladas, redução de 80.795 toneladas comparativamente ao ano de 2020, conforme mostra a Tabela 1.

Tabela 1. Cebola – Brasil: importações de janeiro de 2018 a dezembro de 2021 (t)

| Ano | Jan | Fev | Mar | Abr | Mai | Jun | Jul | Ago | Set | Out | Nov | Dez | Total |
|-------------|-----|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|-------|-------|----------------|
| 2018 | 417 | 6.549 | 22.546 | 37.380 | 34.323 | 14.422 | 162 | 115 | 115 | 230 | 491 | 1.136 | 117.886 |
| 2019 | 831 | 6.464 | 25.176 | 51.765 | 33.103 | 28.366 | 15.297 | 14.272 | 21.211 | 12.705 | 1.557 | 773 | 211.520 |
| 2020 | 58 | 218 | 13.860 | 48.370 | 74.214 | 48.347 | 7.788 | 1.364 | 555 | 2.045 | 293 | 640 | 197.756 |
| 2021 | 911 | 14.809 | 26.040 | 46.934 | 22.833 | 2.966 | 194 | 168 | 218 | 327 | 550 | 1011 | 116.961 |

Fonte: ComexStat/ME, janeiro/2022.

Historicamente o Brasil é um mercado importante para a cebola produzida em alguns países, notadamente para a Argentina, Chile e Países Baixos, embora reduções recentes na importação brasileira, como pode ser visto na tabela 2. Nela apresentamos os principais países fornecedores da hortaliça nos anos de 2020 e 2021, com os respectivos volumes e valores totais em US\$ (FOB). Nos dois anos se destacaram Argentina, Chile, Países Baixos e Espanha como os principais fornecedores.

Em 2021, importamos dos vizinhos argentinos até novembro, 98,65 mil toneladas, 84,34% do volume total. Em seguida vem os Países Baixos com 8,76 mil toneladas, 7,49% do total e o Chile com 7,15 mil toneladas significando 6,12% do total importado. Os demais países forneceram apenas 2,05% do total importado.

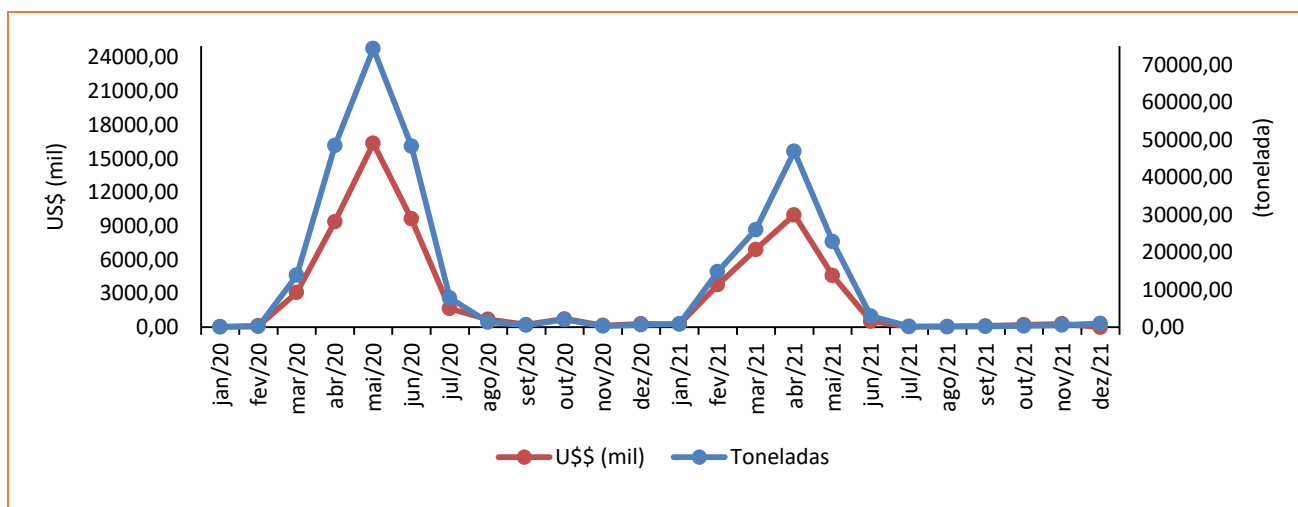
O preço médio (FOB) no ano de 2020 foi de US\$0,21/kg. Em 2021, o preço fechou na média de US\$0,23/kg, aumento de 4,54%. O Desembolso total com a importação de cebola pelo país foi de aproximadamente (FOB) US\$27,25 milhões (Tabela 2).

Tabela 2. Cebola – Brasil: principais países fornecedores em 2020 e 2021 (janeiro a novembro)

| Países | 2020 | | 2021 | |
|---------------|-----------------|----------------|------------------|----------------|
| | (US\$ mil) FOB | Volume (t) | (US\$ mil) | Volume (t) |
| Argentina | 26.244,2 | 155.099 | 19.162,26 | 98,650 |
| Chile | 8.782,1 | 23.142 | 2.888,34 | 7.155 |
| Países Baixos | 4.976,5 | 14.302 | 3.161,48 | 8.767 |
| Espanha | 2.080,8 | 4.751 | 409,52 | 2.008 |
| Nova Zelândia | 118,2 | 234,0 | 58,3 | 104 |
| Uruguai | 0,00 | 0,00 | 84,93 | 253 |
| Peru | 49,5 | 122,0 | 10,00 | 24 |
| Reino Unido | 29,6 | 78,0 | 0,00 | 0,00 |
| Bélgica | 11,0 | 28,0 | 0,00 | 0,00 |
| Total | 42.291,9 | 197.756 | 27.247,90 | 116.961 |

Fonte: ComexStat/ME, dezembro/2021.

Em dezembro foram importadas 1.010 toneladas de cebola, aumento de 83,53% em relação ao mês de novembro, quando foram importadas 550,33 toneladas. Com isso o fechamento das importações de cebola no ano de 2021 ficaram no menor volume dos últimos anos (Figura 1). Contribuíram para isso o câmbio do dólar com cotação elevada que afeta a competitividade da cebola estrangeira, o alto custo do frete marítimo, a elevada oferta interna com produto nacional, dentre outros.


Figura 1. Cebola – Brasil: importação mensal de jan./2020 a dez./2021

Fonte: ComexStat/ME, janeiro/2022.

No mês de dezembro, os países fornecedores da hortaliça para o Brasil foram a Espanha com 527,49 toneladas e a Argentina com 342,96 toneladas, os Países Baixos com 116 toneladas e o Peru com 24 toneladas. Na figura 2 apresentamos o comportamento das importações de cebola pelo Brasil nos anos 2020 e 2021. Percebe-se que no ano passado, desde junho, houve redução drástica das importações, reflexo de diversos fatores, dentre outros, a pandemia (Figura 2).

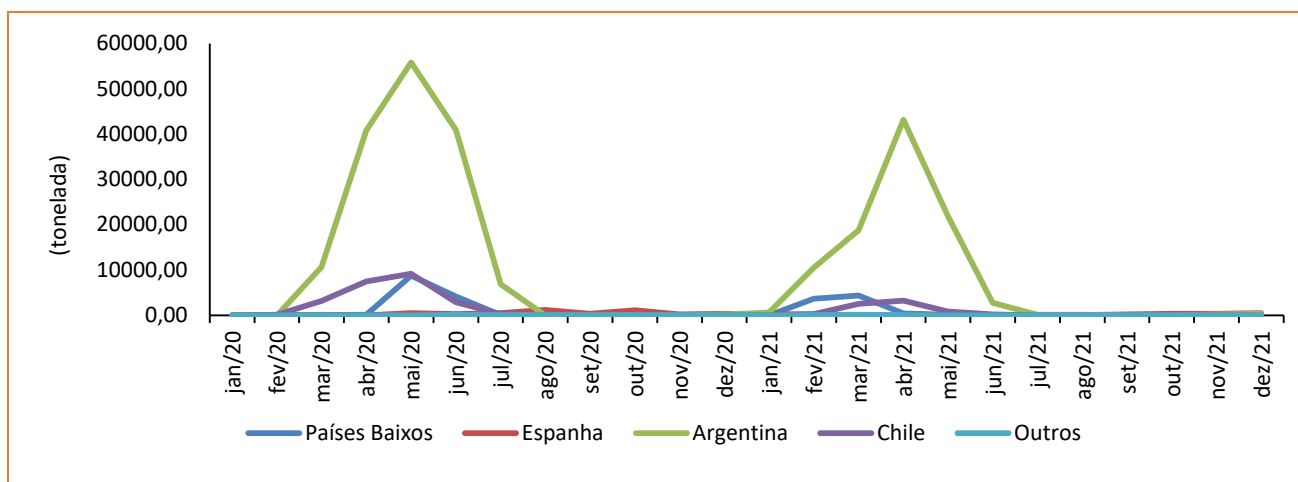


Figura 2. Cebola – Brasil: volume importado dos principais países fornecedores – jan./2020 – dez./2022

Fonte: ComexStat/ME, janeiro/2022.

De acordo com as informações do acompanhamento sistemático das safras, realizado pela Epagri/Cepa, a safra catarinense de cebola está praticamente toda colhida, sendo que mais de 90% de seu volume está nos galpões e o restante que se encontra nas lavouras está em via de recolhimento para armazenagem.

Pecuária

Avicultura

Alexandre Luís Giehl
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

Preços

Em 2020, o mercado avícola foi fortemente influenciado pela expansão da Covid-19 pelo mundo. Os impactos da pandemia sobre a demanda de carne de frango, o funcionamento das unidades de abate e a logística de transporte, tiveram como consequência variações nos preços dessa proteína, com momentos de elevação e queda bem expressivos.

Por outro lado, em 2021, não obstante a continuidade da pandemia, verificou-se uma relativa estabilidade no setor. A gradativa retomada da economia mundial e as adequações logísticas fizeram com que o comércio internacional voltasse a ser significativo, resultando em crescimento das exportações brasileiras, como veremos adiante. No âmbito nacional, a crise na economia, agravada pela pandemia, e o elevado preço da carne bovina, levaram muitos consumidores a buscarem uma opção de proteína que representasse menor dispêndio, o que favoreceu a demanda pela carne de frango.

Esse cenário se expressa na Figura 1, que apresenta os preços do frango vivo nos dois principais estados produtores do país ao longo de 2021. Em Santa Catarina, o movimento de alta foi constante ao longo de todo o ano. No Paraná, por sua vez, registrou-se algumas oscilações negativas ao longo do período analisado em especial no último bimestre. Em relação ao mesmo mês do ano anterior, registraram-se variações significativas nos preços do frango vivo em dezembro de 2021: 29,6% em Santa Catarina e 17,6% no Paraná, ambos os percentuais superiores à inflação acumulada no período (10,1%, segundo o IPCA/IBGE). Contudo, como veremos adiante, os custos de produção também apresentaram elevações expressivas.

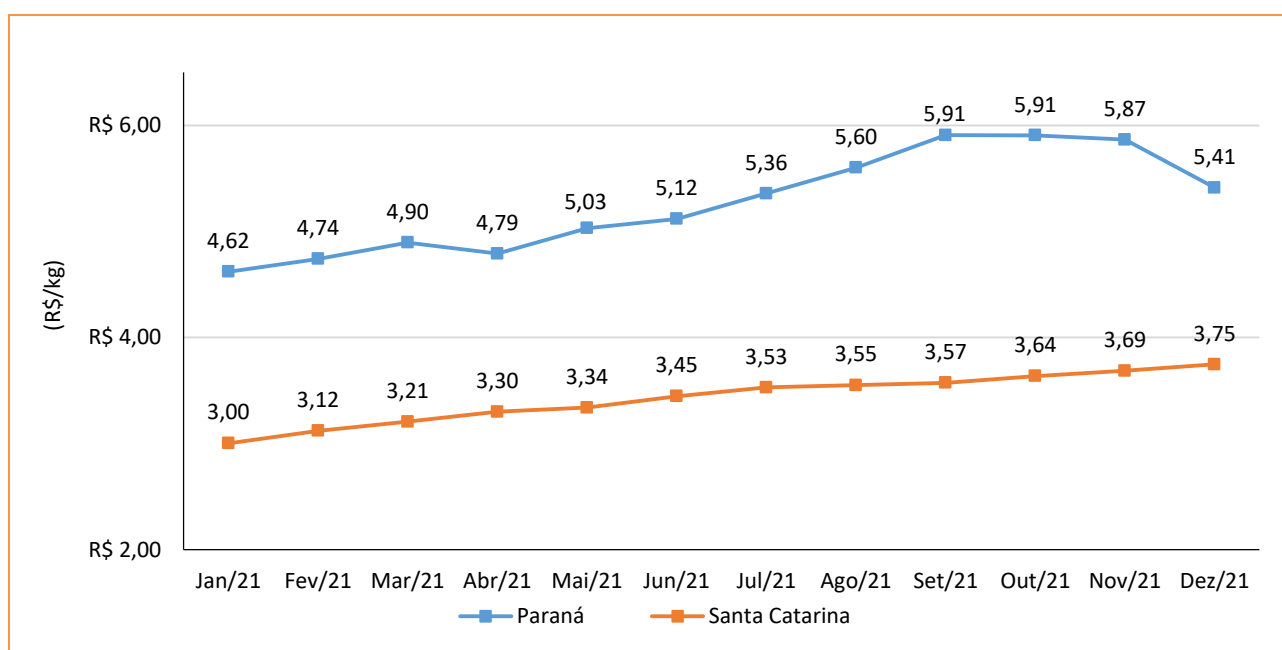


Figura 1. Frango vivo – Santa Catarina e Paraná: preço médio nominal mensal pago aos avicultores

Fonte: Epagri/Cepa (SC); SEAB (PR), janeiro/2022.

No mercado atacadista, os preços da carne de frango apresentaram movimentos distintos, de acordo com o corte e o período do ano. Até o 3º trimestre, predominou a tendência de alta nos preços, embora tenham se percebidos oscilações negativas em alguns casos. No último trimestre, por sua vez, observaram-se quedas em dois dos quatro cortes acompanhados pela Epagri/Cepa, enquanto os demais reduziram o ritmo de altas. Isso deve-se, principalmente, à situação econômica do país, com perda de poder de compra pela maioria dos consumidores. Além disso, com os progressivos aumentos ao longo do ano, a carne de frango perdeu um pouco de sua competitividade perante as demais proteínas, levando os consumidores a reduzirem a quantidade adquirida ou buscarem opções ainda mais econômicas.

Na comparação entre dezembro de 2021 e o mesmo mês de 2020, todos os quatro cortes acompanhados pela Epagri/Cepa registraram variações positivas nos seus preços de atacado: 52,2% para o filé de peito congelado, 50,5% para o peito com osso congelado, 23,5% para o frango inteiro congelado e 7,5% para coxa/sobrecoxa congelada. A variação média dos quatro cortes foi de 33,4%.

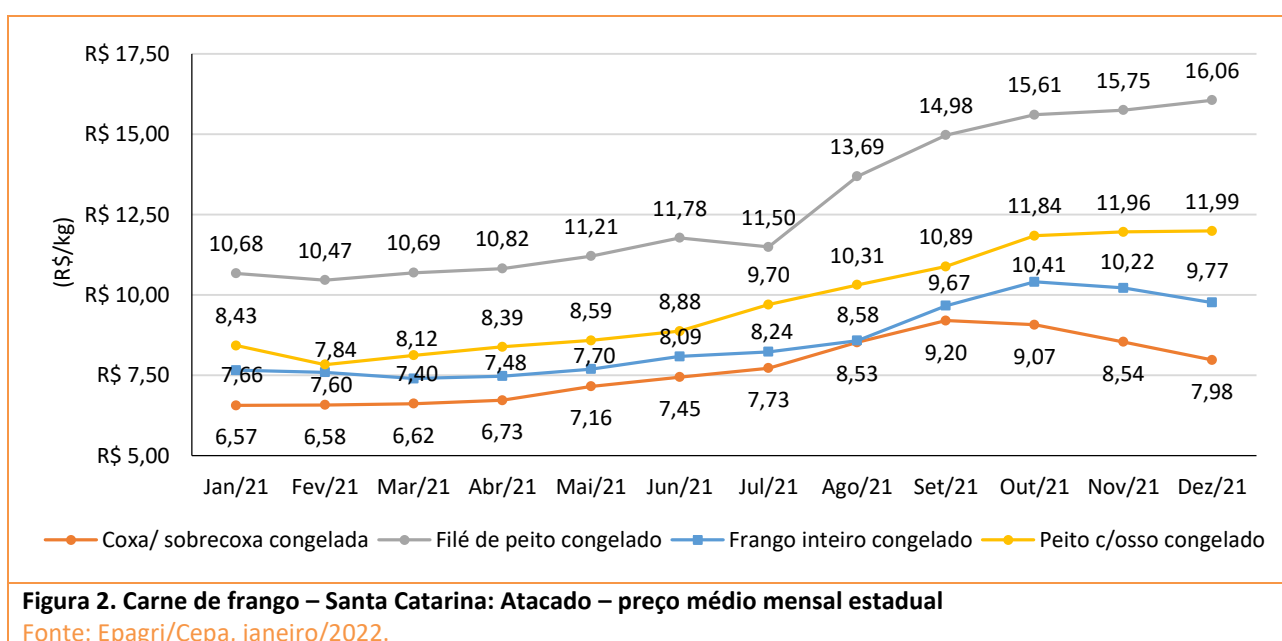


Figura 2. Carne de frango – Santa Catarina: Atacado – preço médio mensal estadual

Fonte: Epagri/Cepa, janeiro/2022.

Custos

Uma das principais dificuldades enfrentadas pelo setor avícola em 2021 foi a elevação dos custos de produção, principalmente em decorrência do aumento no valor do milho e da soja, principais componentes da ração. De janeiro a novembro, o Índice de Custos de Produção do Frango (ICPFrango), calculado pela Embrapa, registrou elevação de 18,0%. Além da alimentação, também contribuíram com a elevação dos custos os aumentos registrados nos preços da energia elétrica e dos combustíveis.

Por outro lado, a equivalência insumo/produto, índice utilizado para avaliar a relação entre os preços do produto e de seu principal insumo, apresentou oscilações ao longo de 2020, mas com predominância de queda (Figura 3). Isto significa redução na quantidade de frango vivo necessária para adquirir 1 (uma) saca de milho. Em dezembro de 2021, a relação de equivalência apresentava valor 12,1% inferior àquele observado no mesmo mês do ano anterior. Este resultado deve-se ao fato do preço do frango vivo na praça de Chapecó ter apresentado alta de 40,7% entre dezembro de 2020 e dezembro de 2021, enquanto a cotação do milho na mesma praça subiu somente 23,7% no mesmo período.

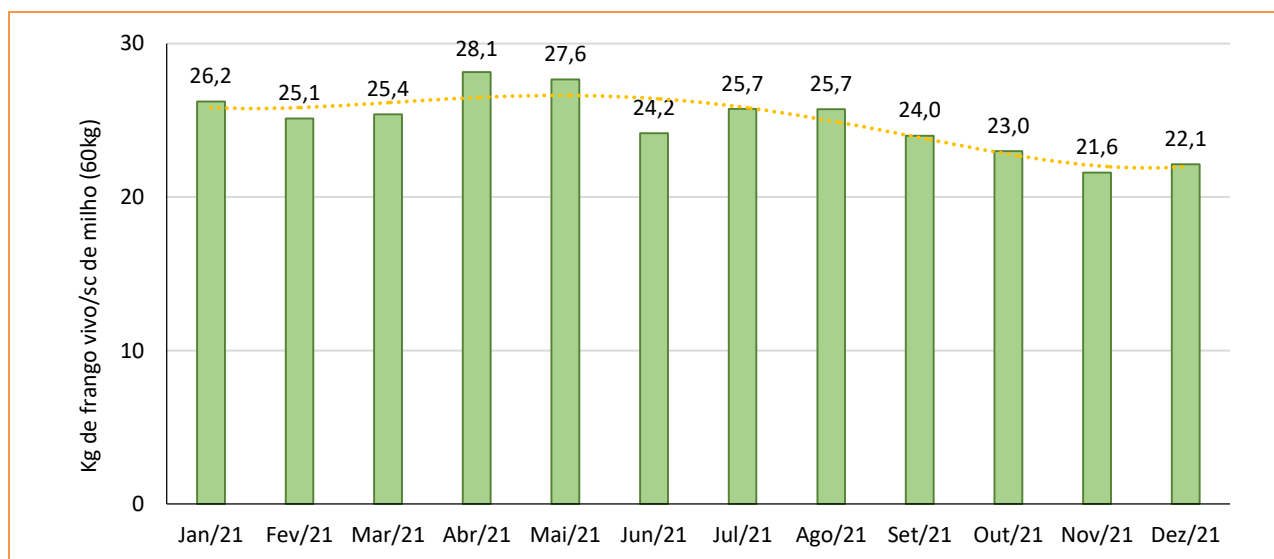


Figura 3. Frango vivo – Santa Catarina: quantidade necessária para adquirir uma saca de milho

Para cálculo da relação de equivalência insumo-produto utilizou-se os preços do frango vivo (ao produtor) e do milho (atacado) na praça de Chapecó, SC.

Fonte: Epagri/Cepa, janeiro/2022.

Comércio exterior

Em 2021, o Brasil exportou **4,47 milhões de toneladas** de carne de frango (*in natura*, industrializada e miúdos), quantidade **8,3% superior** ao ano anterior. Em termos de receitas, a alta foi ainda mais significativa: **US\$7,49 bilhões, 25,0%** maior que em 2020.

Os embarques apresentaram tendência de alta ao longo do ano passado, como demonstra a Figura 4, com pequenas oscilações negativas em alguns meses. Em média, foram exportadas 372,3 mil toneladas mensais, com faturamento de US\$624,1 milhões.

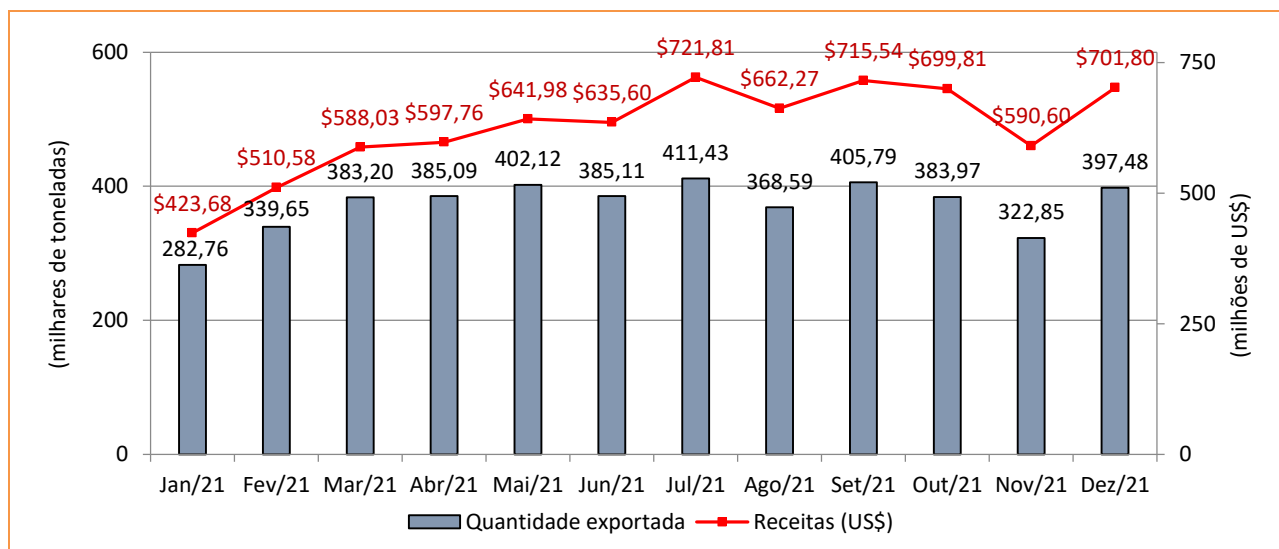


Figura 4. Carne de frango – Brasil: quantidade exportada e receitas

Fonte: Comex Stat - Secex/ME, janeiro/2022.

Os cinco principais destinos externos da carne de frango brasileira no ano passado foram China, Japão, Emirados Árabes Unidos, Arábia Saudita e Países Baixos, que responderam por 50,6% das receitas do país.

Santa Catarina, por sua vez, exportou 1,03 milhão de toneladas em 2021, crescimento de **6,3%** em relação da 2020. As receitas foram de **US\$1,84 bilhão**, alta de **22,8%** em relação ao ano anterior.

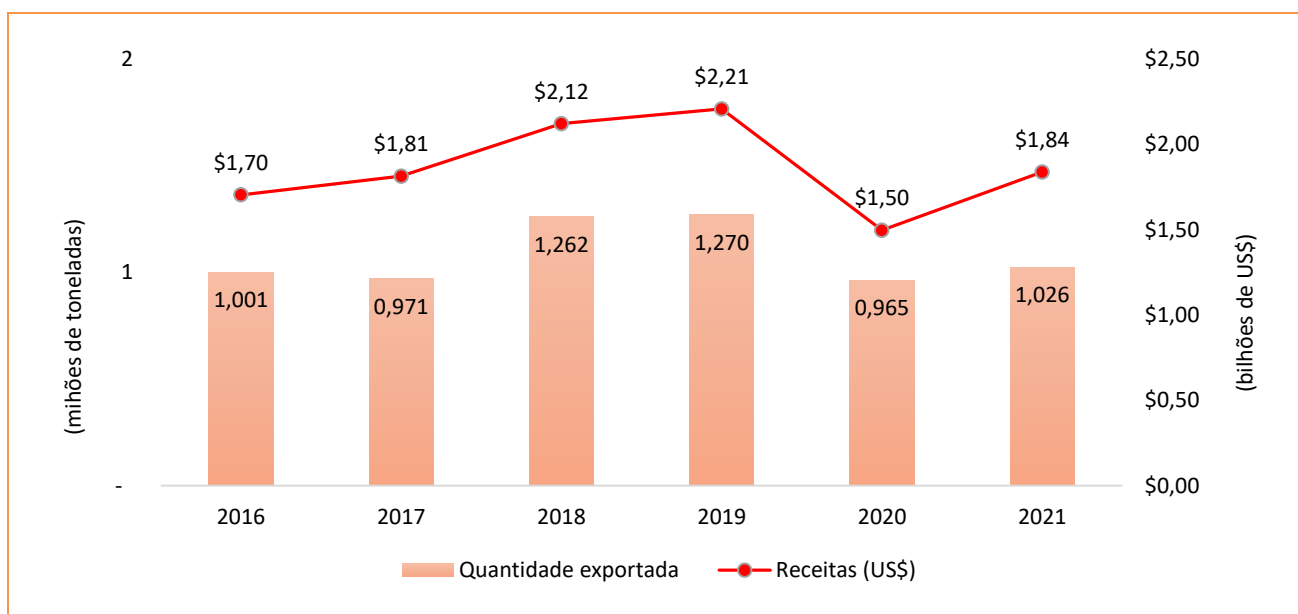


Figura 5. Carne de frango – Santa Catarina: quantidade exportada e receitas – 2016/2021

Fonte: Comex Stat - Secex/ME, janeiro/2022.

Ao longo de 2021, as exportações apresentaram tendência de alta, não obstante algumas oscilações negativas, em especial no último trimestre (Figura 6).

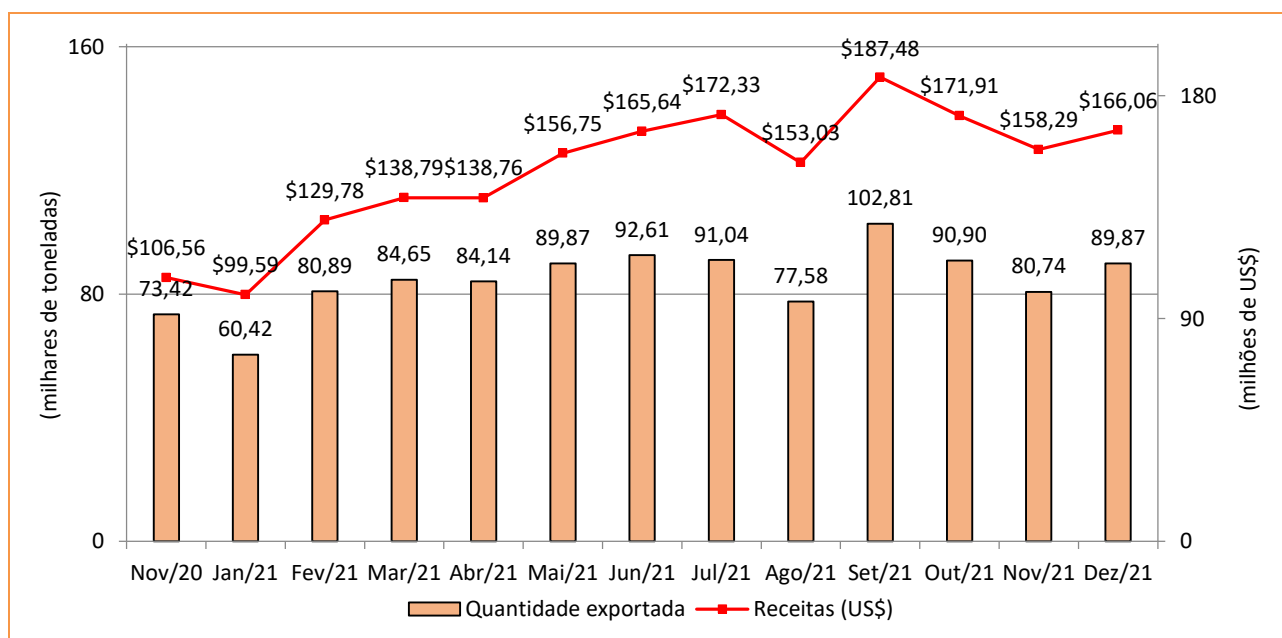


Figura 6. Carne de frango – Santa Catarina: quantidade exportada e receitas

Fonte: Comex Stat - Secex/ME, janeiro/2022.

O estado respondeu por **24,5%** do valor das exportações brasileiras de carne de frango em 2021, percentual semelhante ao ano anterior, quando a participação catarinense foi de 25,0%.

Em 2021, Santa Catarina exportou carne de frango para 129 países. Os cinco principais destinos foram responsáveis por 56,9% do valor das exportações do estado.

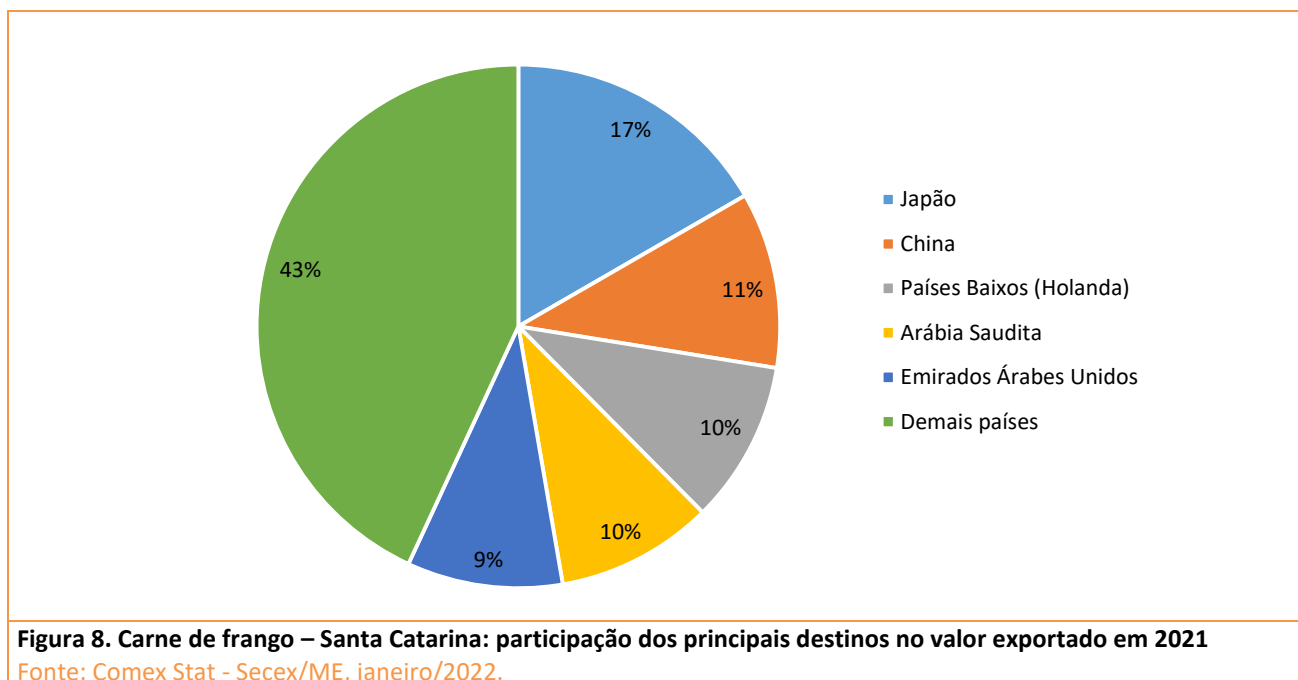


Figura 8. Carne de frango – Santa Catarina: participação dos principais destinos no valor exportado em 2021

Fonte: Comex Stat - Secex/ME, janeiro/2022.

A maioria dos principais países compradores ampliou suas aquisições de carne de frango catarinense, com destaque para o Japão, principal destino, cujo crescimento foi de 27,9% em receitas e 10,9% em quantidade. Também merecem destaque as variações observadas nos embarques para Arábia Saudita (37,7% em receitas e 9,7% em quantidade) e Emirados Árabes Unidos (53,4% e 23,7%).

Por outro lado, a principal queda foi registrada nos embarques para a China (-5,1% em receitas e -14,0% em quantidade), já que aquele país vem gradativamente recuperando sua produção de suínos, severamente afetada pela peste suína africana, e, com isso, dependendo menos da aquisição de proteínas de origem animal no mercado externo.

Perspectivas para 2022

Em termos de mercado externo, o ano de 2022 deverá ser novamente positivo para o setor avícola, apesar de diversos desafios que se impõem. A Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA), projeta que as vendas internacionais deverão ficar entre 4,65 milhões de toneladas e 4,75 milhões de toneladas, crescimento de aproximadamente 5% quando comparado a 2021. Segundo a entidade, os focos de peste suína africana e casos de influenza aviária identificados em diversos países, em especial na Europa, devem se constituir em oportunidades para o Brasil, onde tais doenças não se fazem presentes, aumentando a aceitação do produto brasileiro no mercado internacional.

A ABPA estima também um crescimento de aproximadamente 4% na produção de carne de frango, devendo ficar entre 14,70 e 14,90 milhões de toneladas.

Os preços elevados das demais carnes e a continuidade da crise econômica deverão acentuar o processo de substituição, em que produtos de maior valor, como a carne bovina, são trocados por opções de menor custo, como é o caso do frango. Por outro lado, o fim do Auxílio Emergencial e as incertezas em relação ao Auxílio Brasil (que foi criado em substituição ao Bolsa Família) podem impactar a demanda do mercado interno. Além disso, a manutenção dos custos de produção em patamares elevados em 2022 gera grande preocupação entre produtores e agroindústrias.

Bovinocultura

Alexandre Luís Giehl
 Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
 alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

Preços

Depois de encerrar o ano de 2020 com quedas na maioria dos estados, as cotações do boi gordo voltaram a subir vertiginosamente nos primeiros meses de 2021. Esse cenário deveu-se, essencialmente, à baixa disponibilidade de animais prontos para o abate e grande volume de exportações, como veremos adiante.

Contudo, a partir de setembro registram-se quedas expressivas em todos os estados analisados, conforme demonstra a Figura 1. Dois fatores contribuíram para esse movimento de queda generalizada dos preços. Em primeiro lugar, a demanda desaquecida no mercado interno, em função dos preços elevados da carne bovina e das dificuldades econômicas vivenciadas por grande parte da população. Em segundo lugar, a detecção de dois casos de encefalopatia espongiforme bovina (EEB) atípica, no início de setembro, provocou a interrupção das exportações para alguns países, em especial a China, e impactou nos preços pagos aos produtores. Em novembro, com o anúncio da retomada das exportações para a China, as cotações voltaram a subir de forma expressiva.

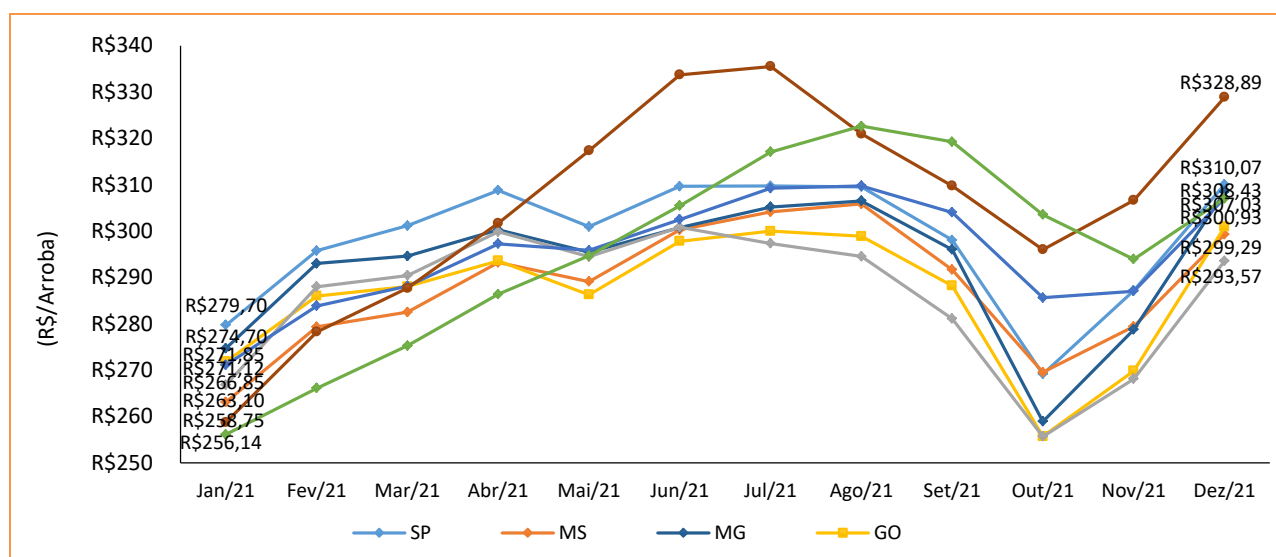


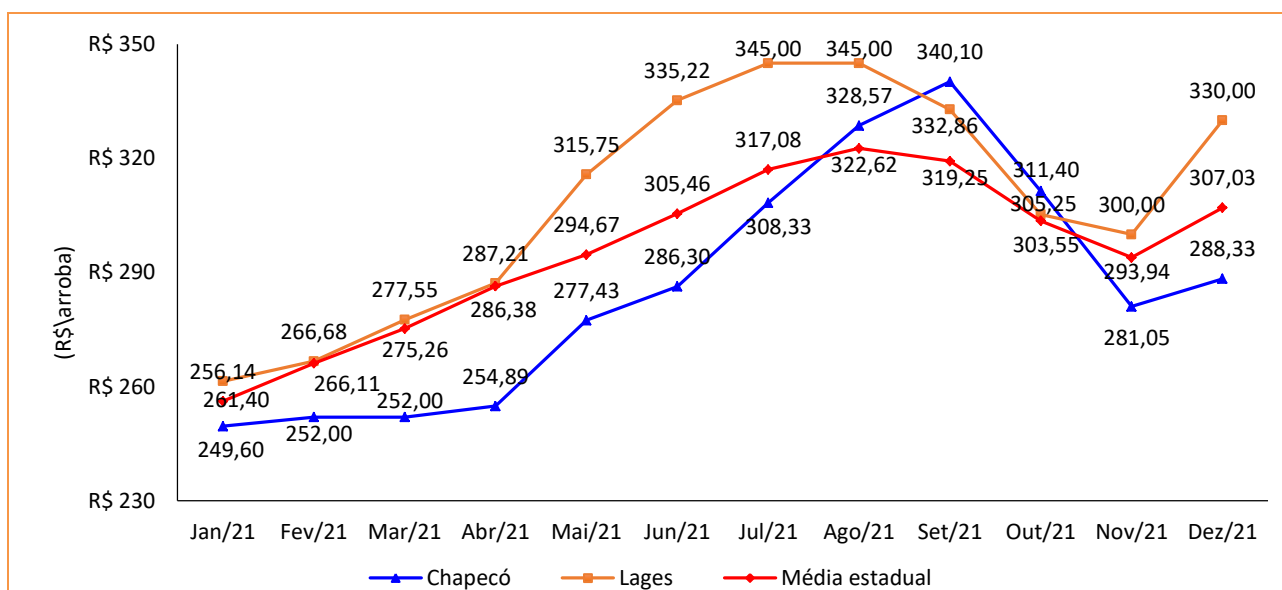
Figura 1. Boi gordo – SC⁽¹⁾, SP⁽²⁾, MG⁽²⁾, GO⁽²⁾, MT⁽²⁾, MS⁽²⁾, PR⁽³⁾ e RS⁽⁴⁾: evolução dos preços da arroba – 2021

Fonte: Epagri/Cepa⁽¹⁾; Cepea⁽²⁾; SEAB⁽³⁾; Nespro⁽⁴⁾, janeiro/2022.

Na comparação entre os preços de dezembro de 2020 e aqueles praticados no mesmo mês de 2021, verifica-se que todos os estados analisados apresentaram variações positivas significativas: 31,9% no Rio Grande do Sul, 20,3% em Santa Catarina, 20,0% no Mato Grosso do Sul, 18,9% em São Paulo, 18,4% em Minas Gerais, 17,6% em Mato Grosso, 17,6% em Goiás e 16,7% no Paraná. Os percentuais anteriormente mencionados levam em consideração os valores nominais, ou seja, não contabilizam as perdas inflacionárias. A inflação acumulada em 2021 foi de 10,1%, segundo o IPCA/IBGE. Vale mencionar que um dos fatores que impactou fortemente a inflação no ano passado foi o preço dos alimentos, em especial o das carnes.

Em Santa Catarina, os preços do boi gordo também acompanharam as oscilações nacionais, relatadas anteriormente. Na comparação entre os preços de dezembro de 2021 e aqueles praticados no mesmo mês do ano anterior, há variações bastante significativas nas duas praças de referência: 27,2% em Lages e 17,7%

em Chapecó. A média estadual, elaborada a partir dos preços de 10 praças de coleta, apresentou alta 20,3%, conforme já mencionado anteriormente.



Fonte: Epagri/Cepa, janeiro/2022.

Figura 2. Boi gordo – Santa Catarina: evolução do preço médio mensal nas praças de referência e média estadual

Os preços de atacado da carne bovina apresentaram comportamento semelhante ao dos preços ao produtor, embora com variações menos expressivas. Até setembro predominaram os movimentos de alta, interrompidos a partir da notificação dos casos de “vaca louca” e interrupção das exportações para a China. Com a regularização da situação e retomada dos embarques, os preços voltaram a subir no final do ano. Em relação ao mesmo mês de 2020, os preços de dezembro de 2021 apresentaram altas de 22,8% para a carne de dianteiro e de 18,9% para a de traseiro, média de 20,9%.

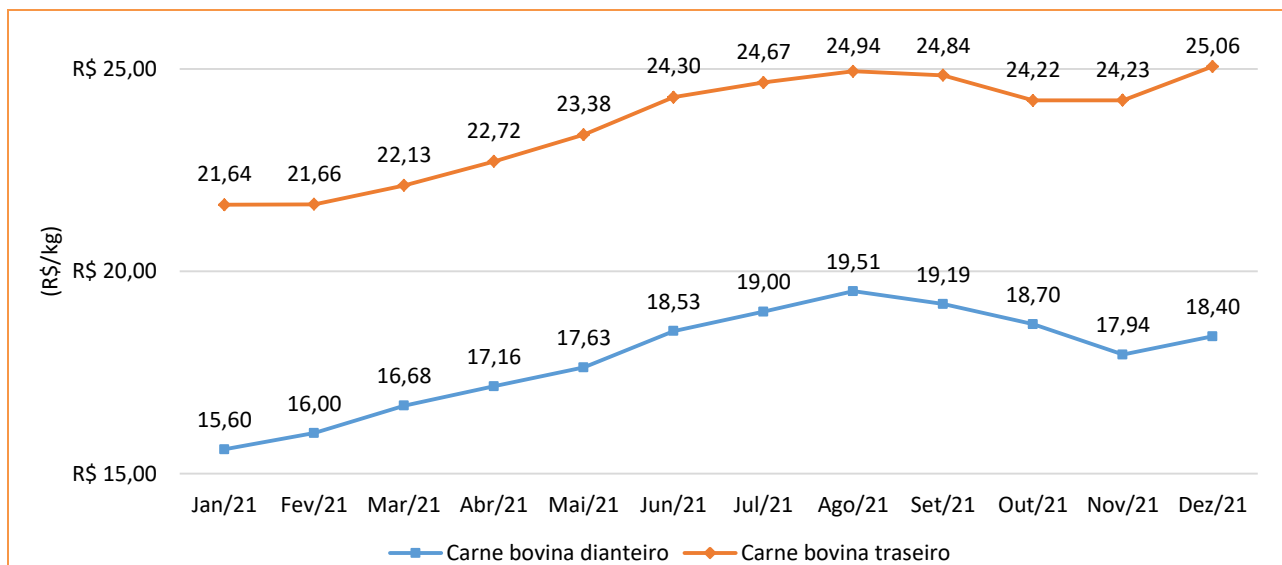


Figura 3. Carne bovina – Santa Catarina: Atacado – preço médio mensal estadual

Fonte: Epagri/Cepa, janeiro/2022.

Custos

De forma semelhante às demais proteínas animais, a bovinocultura também enfrentou desafios adicionais em 2021, além da pandemia, sendo a elevação dos custos de alimentação uma das principais. Isso foi decorrente da expressiva elevação das cotações do milho e da soja, o que afetou principalmente os animais confinados. Além disso, diversas regiões do país e do estado enfrentaram ainda uma severa estiagem em alguns momentos do ano passado, a qual prejudicou o desenvolvimento de pastagens e levou à necessidade de suplementação alimentar dos animais criados à pasto.

O mercado de animais de reposição também apresentou tendência de alta em grande parte do ano de 2021. Esse comportamento está relacionado à elevação nos preços do boi gordo, que elevou a demanda por animais jovens. Como é possível verificar na Figura 4, as altas foram interrompidas em setembro, após a notificação dos casos de “vacca louca” e consequente suspensão das exportações para a China, e retomadas em dezembro, com o reinício dos embarques para aquele país. Em relação ao mesmo mês do ano anterior, os preços médios estaduais de dezembro de 2021 apresentaram altas de 46,4% para os novilhos de 1 a 2 anos e de 37,0% para os bezerros de até 1 ano.

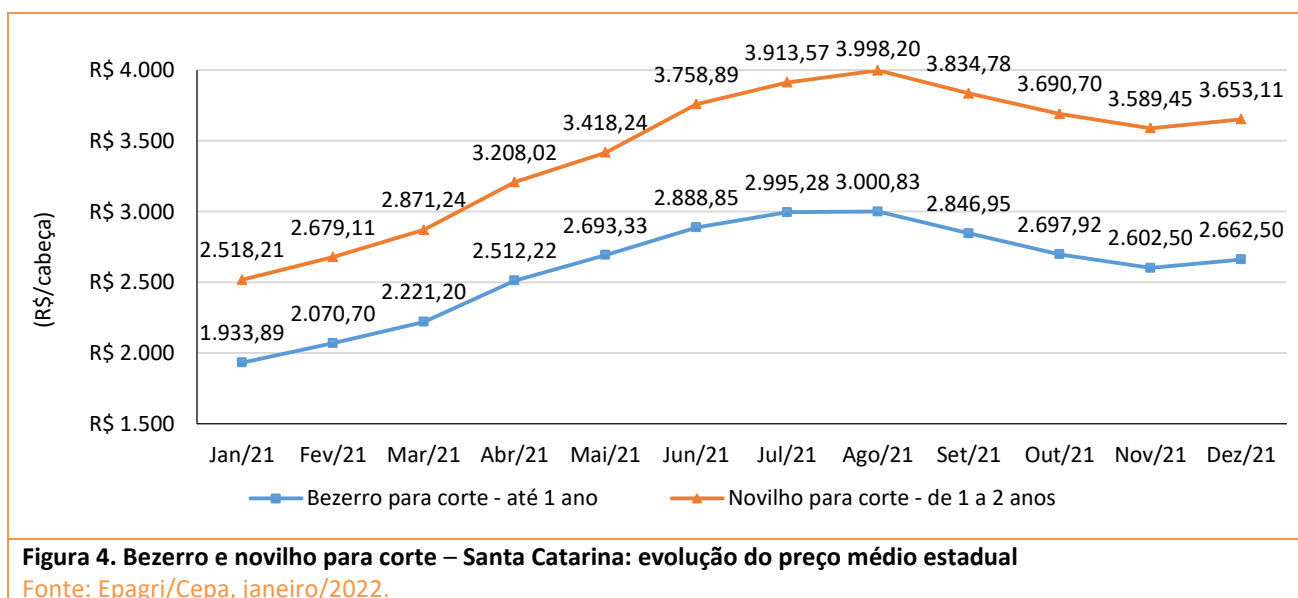


Figura 4. Bezerro e novilho para corte – Santa Catarina: evolução do preço médio estadual

Fonte: Epagri/Cepa, janeiro/2022.

Comércio exterior

Em 2021, o Brasil exportou **1,85 milhão** de toneladas de carne bovina (*in natura*, industrializada e miudezas), queda de **8,3%** em relação a 2020. Apesar do menor volume embarcado, as receitas apresentaram variação positiva de **8,5%** e superaram o recorde do ano anterior, atingindo o montante de **US\$9,20 bilhões**.

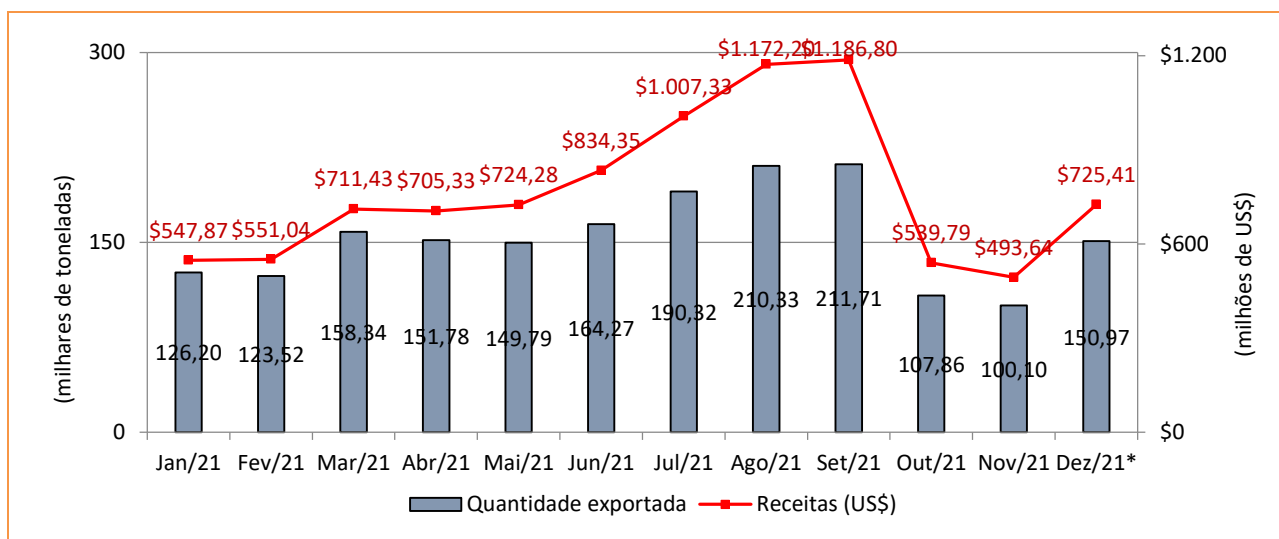


Figura 6. Carne bovina – Brasil: quantidade exportada e receitas – 2021

Fonte: Comex Stat - Secex/ME, janeiro/2022.

Esses resultados são decorrentes, principalmente, da suspensão das exportações para a China, principal comprador brasileiro, após a confirmação de dois casos atípicos de encefalopatia espongiforme bovina (conhecida como “vaca louca”) no mês de setembro, conforme mencionado anteriormente.

A carne bovina brasileira foi exportada para 155 países em 2021. Os cinco principais compradores responderam por quase 71,4% das receitas geradas no período.

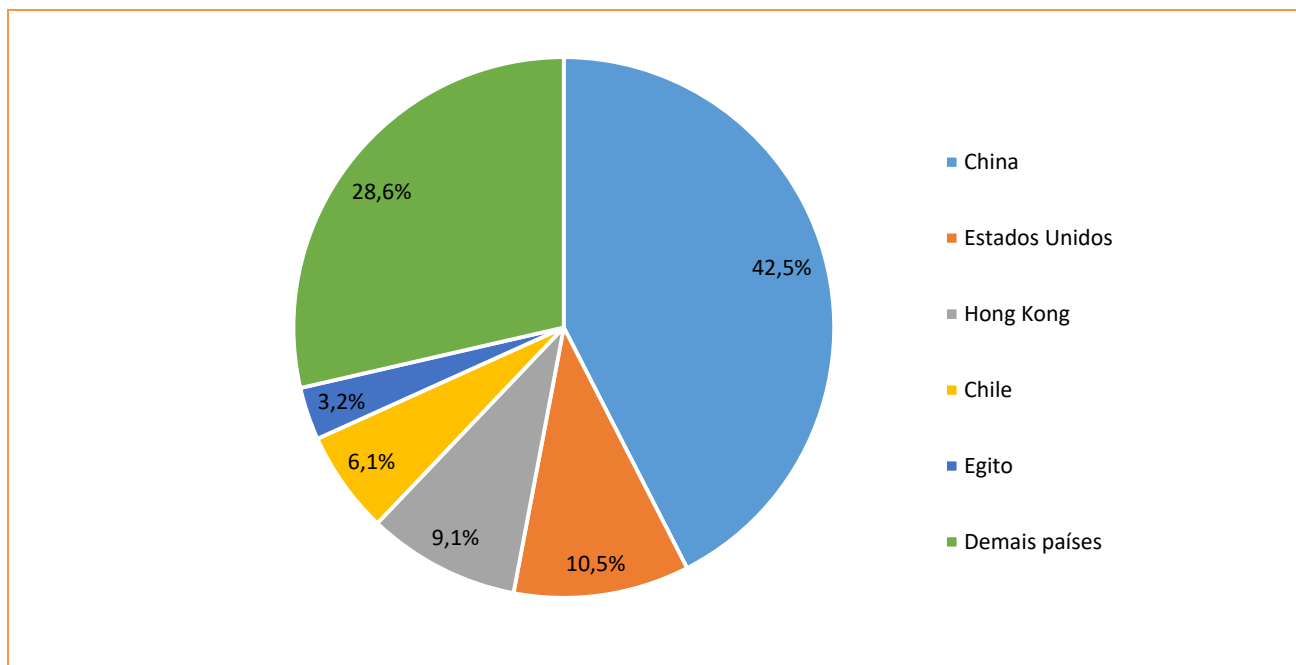


Figura 7. Carne bovina – Brasil: participação dos principais destinos no valor exportado em 2021

Fonte: Comex Stat - Secex/ME, janeiro/2022.

Somando-se as exportações para a China continental e Hong Kong (região administrativa da China), verifica-se que esses destinos responderam por 51,6% do total, apesar da suspensão dos embarques para esses destinos por quase 3 meses, demonstrando o elevado grau de concentração do mercado externo da carne bovina brasileira.

Santa Catarina, por sua vez, exportou **38,8 mil toneladas**, com receitas de **US\$12,54 milhões**, altas de **10,3%** e **31,9%** em relação ao ano anterior, respectivamente. O principal destino foi Hong Kong, com 24,1% das receitas.

Perspectivas para 2022

Segundo as projeções iniciais do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA), em 2022 as exportações brasileiras de carnes bovina devem voltar a crescer, com alta estimada em 3,1%.

Em 2022, os preços do boi gordo e da carne bovina devem continuar elevados, embora se projete redução no ritmo de altas que se observou ao longo de 2020 e 2021. Se por um lado há perspectiva de ampliação no número de animais abatidos, em especial a partir do 2º semestre, por outro os custos de produção devem se manter altos e as exportações também devem recuperar o fôlego, após a retomada dos embarques para a China.

Suinocultura

Alexandre Luís Giehl
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

Preços

O ano de 2021 foi de contrastes para o setor suinícola brasileiro. No mercado internacional, apesar da quase total recuperação da produção chinesa de suínos, severamente afetada pela peste suína africana (PSA) em 2018, os preços da carne suína mantiveram-se em patamares elevados e com demanda expressiva, o que resultou em crescimento das exportações brasileiras, como veremos adiante.

Já o mercado interno apresentou situação bem menos favorável. Os elevados índices de desemprego e subemprego e a inflação elevada resultaram perda de poder aquisitivo da maioria da população, o que impactou a demanda por carne suína. Além disso, os custos de produção se mantiveram em patamares altos, o que resultou em queda nas margens de lucro dos produtores e, em muitos casos, em margens negativas.

Na comparação entre os preços médios de dezembro de 2021 e os valores registrados no mesmo mês de 2020, as variações são negativas nos cinco estados analisados: -20,0% no Rio Grande do Sul, -16,2% no Paraná, -12,3% em Santa Catarina, -7,8% em São Paulo e -5,2% em Minas Gerais. A inflação acumulada em 2020 foi de 10,1%, segundo o IPCA/IBGE.

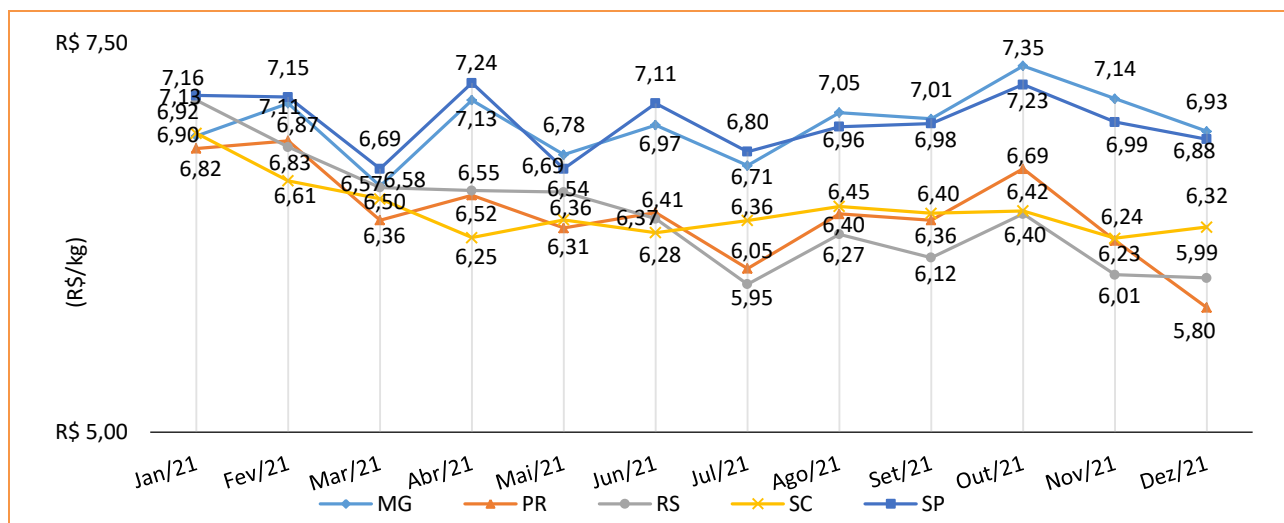
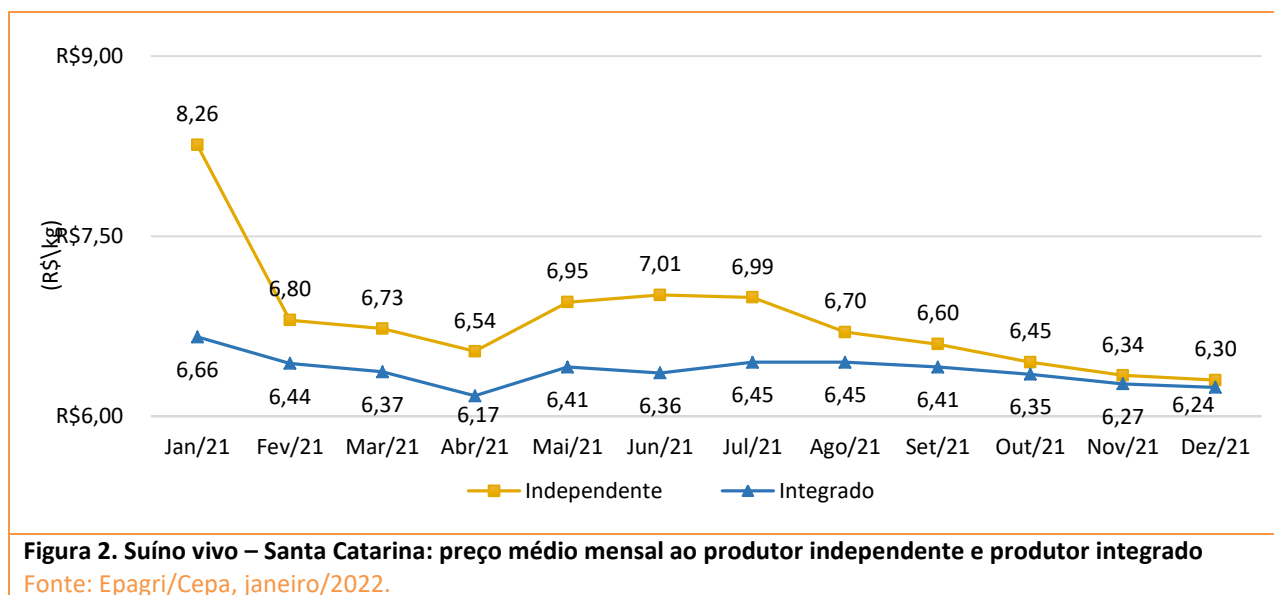


Figura 1. Suíno vivo – SC, MG, PR, RS e SP: evolução do preço ao produtor nos principais estados

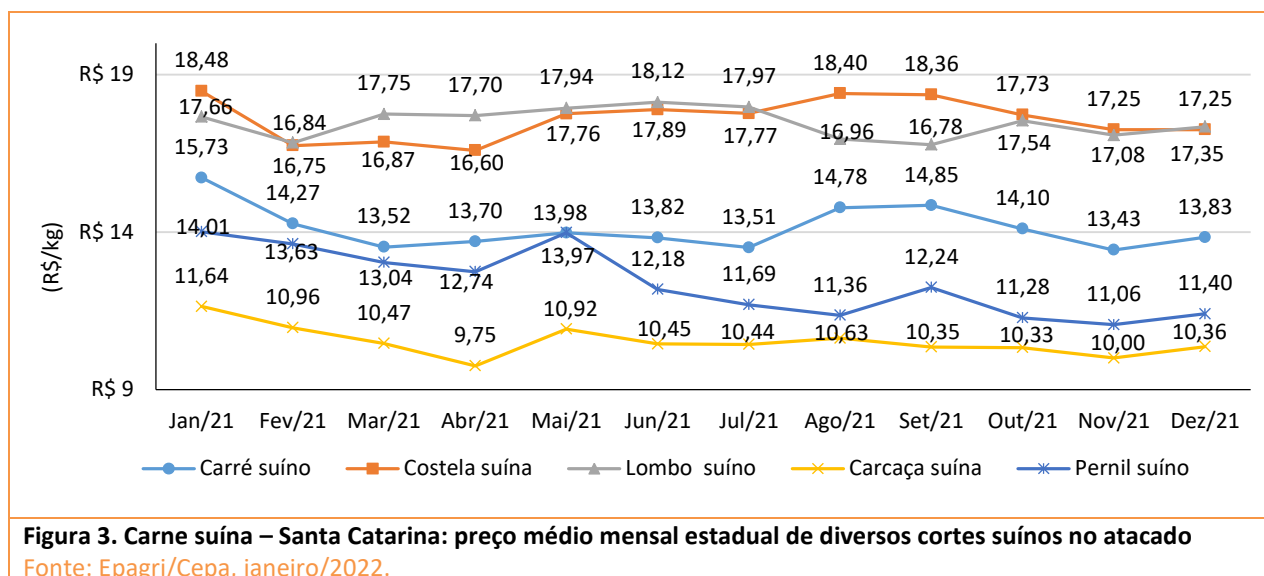
Fonte: Cepea (MG, PR, RS e SP) e Epagri/Cepa (SC), janeiro/2022.

Em Chapecó, praça de referência para o preço do suíno vivo em Santa Catarina, também se verificou predominância do movimento de queda em 2021, em especial nos primeiros meses do ano. Na comparação entre dezembro de 2021 e o mesmo mês do ano anterior, observou-se queda de 16,7% no valor recebido pelos produtores independentes e de 8,8% no preço pago aos integrados. A variação média de preços para os dois perfis de produtores foi de -12,9%.



De forma semelhante aos movimentos observados nas cotações dos suínos vivos, os preços do mercado atacadista apresentaram tendência de queda ao longo de 2021. Esse cenário foi resultante, principalmente, do crescimento na oferta de animais, fruto de expressivos investimentos realizados em 2019 e 2020, e da queda na demanda no mercado interno, em decorrência da deterioração do poder de compra da maioria dos consumidores brasileiros.

Todos os cinco cortes acompanhados pela Epagri/Cepa apresentaram variações negativas de preços em relação ao mesmo mês do ano anterior: carcaça (-16,4%), pernil (-16,4%), carré (-12,6%), costela (-8,4%) e lombo (-4,8%). Na média, a variação foi de -11,7%.



Custos

Segundo o Índice de Custos de Produção do Suíno (ICPSuíno), calculado pela Embrapa Suínos e Aves, de janeiro a novembro de 2021 registrou-se alta de 1,4% nos custos de produção. Contudo, quando se considera os últimos dois anos, registrou-se aumento de 55,6% nesse índice.

Os preços dos leitões registraram movimentos de queda ao longo de quase todo o ano de 2021. Na comparação com o mesmo mês do ano anterior, os valores de dezembro de 2021 exibiram quedas de 6,9% para os leitões de 6 a 10kg e de 6,2% para leitões com +/-22kg.

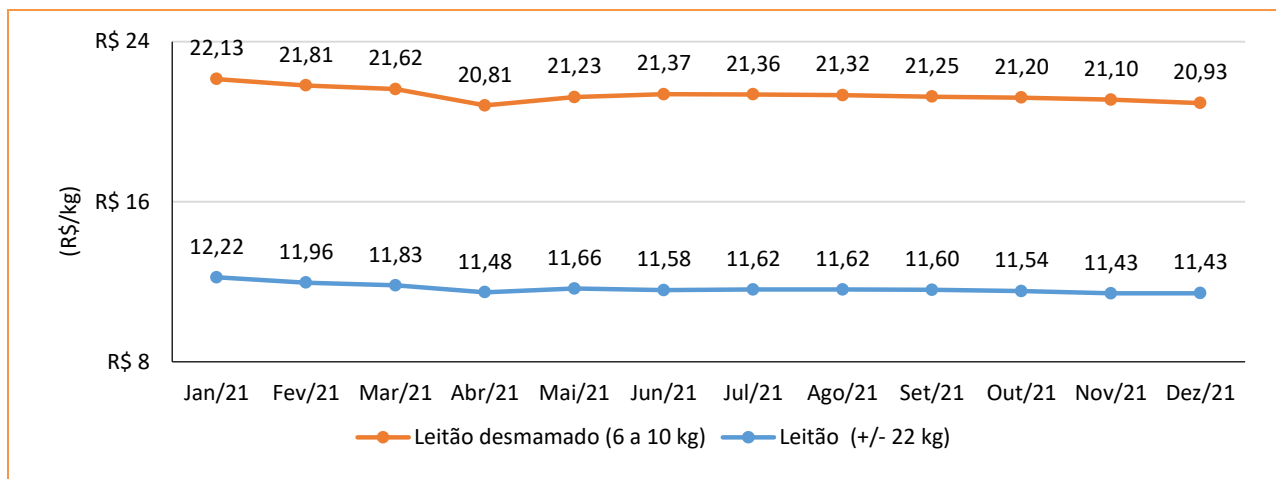


Figura 4. Leitões – Santa Catarina: preço médio mensal por categoria

Fonte: Epagri/Cepa, janeiro/2022.

A relação de equivalência insumo/produto, índice calculado pela Epagri/Cepa a partir dos preços do suíno vivo e do milho no atacado, ambos referentes à praça de Chapecó, apresentou tendência de alta no 1º semestre e relativa estabilidade no 2º (Figura 5). De acordo com esse índice, a quantidade de suíno vivo necessária para adquirir 1 saca de milho no final de 2021 foi 42,0% superior ao que se registrou no mesmo período de 2020. Esse resultado deve-se à elevação na cotação do milho (23,7%) e queda nos preços do suíno vivo (-12,9%).

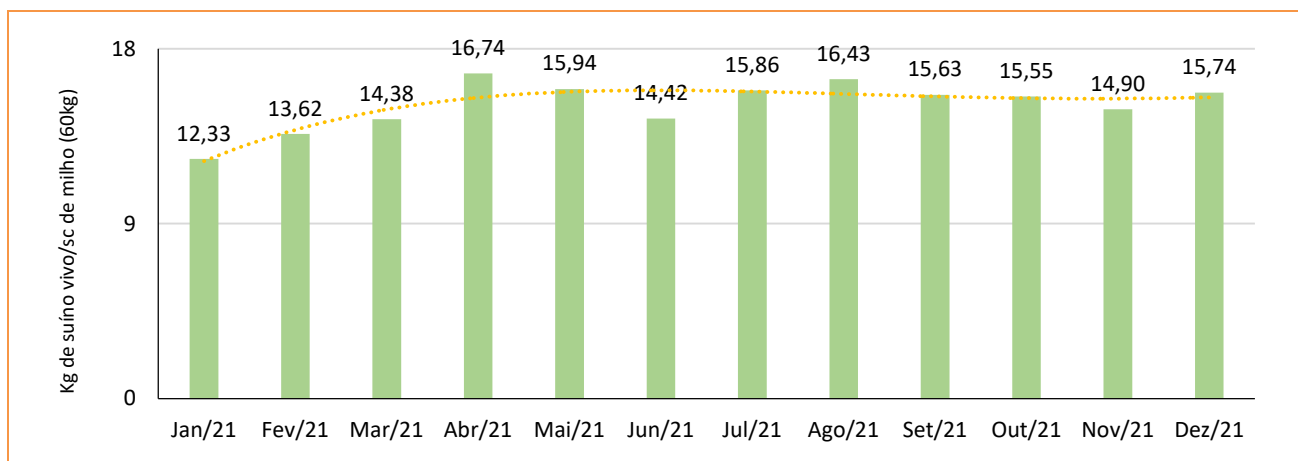


Figura 5. Chapecó/SC: Quantidade necessária de suíno vivo para adquirir uma saca de milho (60kg)

Nota: Para o cálculo da relação de equivalência insumo/produto, utiliza-se a média entre o preço para o produtor independente e produtor integrado do suíno vivo. No caso do milho, leva-se em consideração o preço de atacado do produto. Ambos os produtos têm como referência os preços da praça de Chapecó/SC.

Fonte: Epagri/Cepa, janeiro/2022.

Comércio exterior

Assim como já havia ocorrido em 2019 e 2020, as exportações brasileiras de carne suína registraram excelentes resultados em 2021. Foram embarcadas **1,12 milhão de toneladas** de carne suína (*in natura*, industrializada e miúdos), alta de **10,7%** em relação ao ano anterior. Esse é o maior montante já exportado

pelo Brasil desde 1997, quando tem início a série histórica disponibilizada pela Secretaria de Comércio Exterior do Ministério da Economia (Secex/ME). O recorde anterior havia sido registrado em 2020. No caso das receitas, a alta foi ainda mais significativa e também registrou-se novo recorde: **US\$2,62 bilhões, 16,1%** acima de 2020.

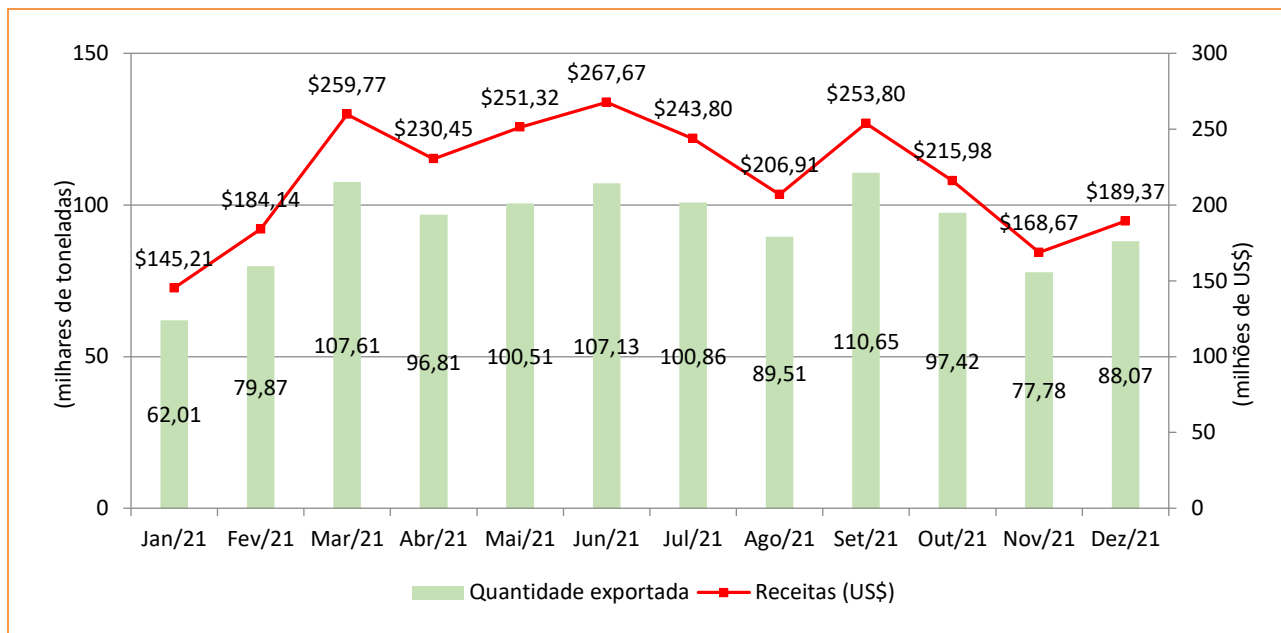


Figura 6. Carne suína – Brasil: quantidade exportada e receitas – 2021

Fonte: Comex Stat - Secex/ME, janeiro/2022.

As exportações catarinenses de carne suína também apresentaram crescimento significativo em 2021: foram embarcadas **578,52 mil toneladas**, aumento de **10,5%** em relação ao ano anterior. As receitas apresentaram incremento ainda mais expressivo: **US\$1,40 bilhão**, alta de **19,0%**. Tais resultados representam recordes históricos nas exportações de carne suína do estado, tanto em valor como em quantidade.

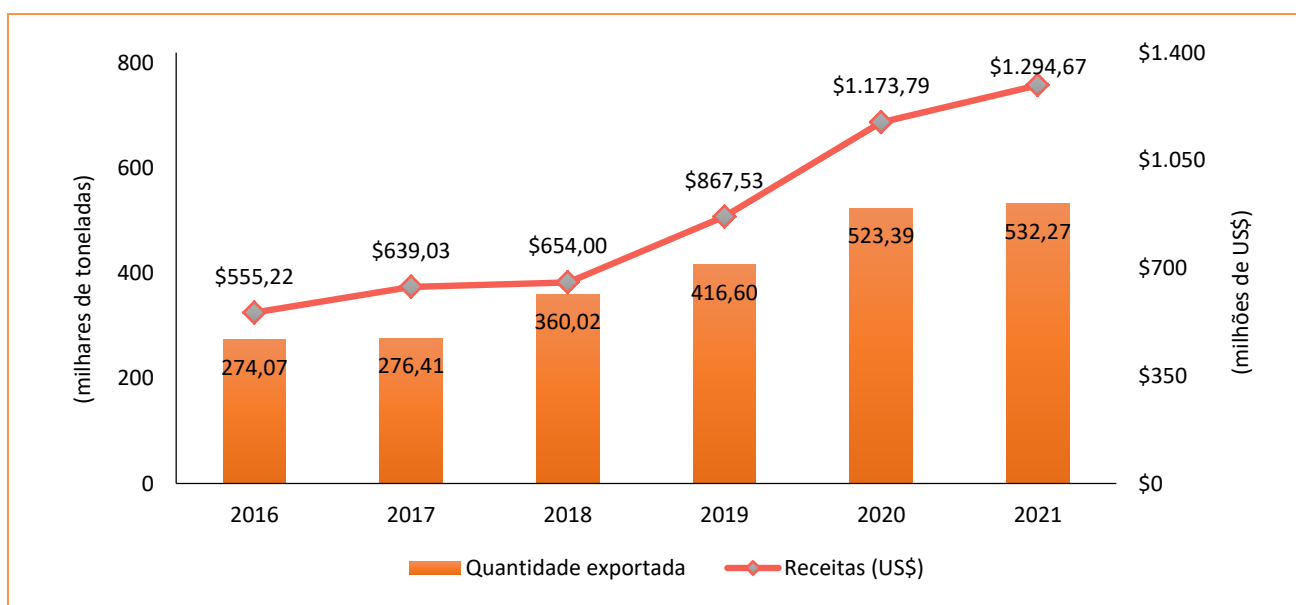


Figura 7. Carne suína – Santa Catarina: quantidade exportada e receitas – 2016/2021

Fonte: Comex Stat - Secex/ME, janeiro/2022.

Os embarques cresceram ao longo do 1º trimestre do ano passado, atingindo relativa estabilidade no período seguinte. No último trimestre, contudo, verificou-se oscilação negativa nos valores exportados.

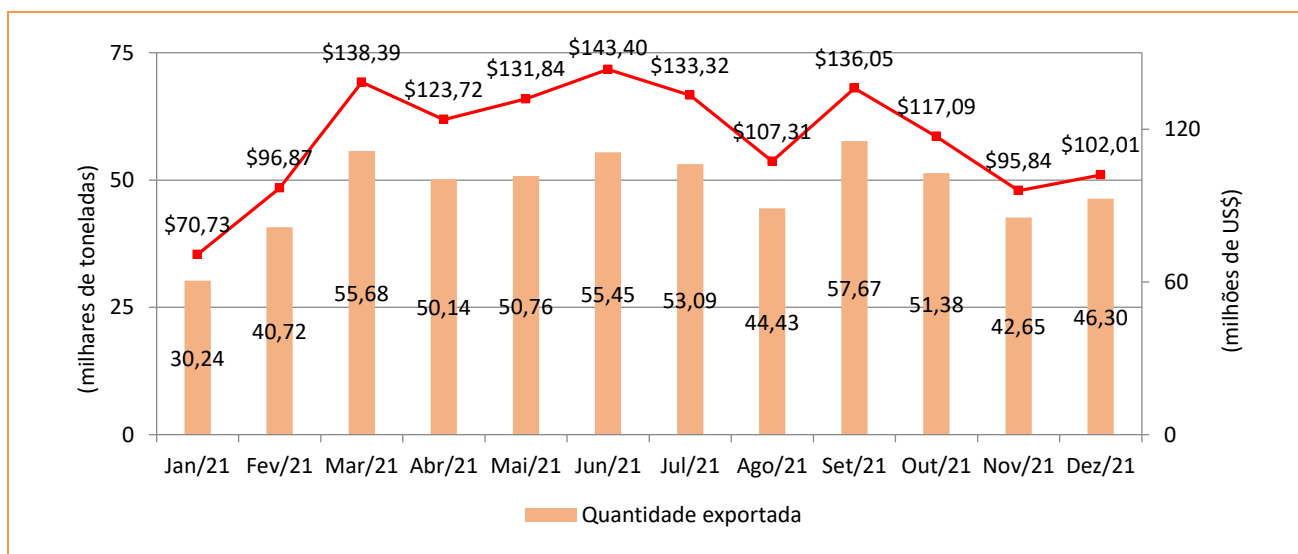


Figura 8. Carne suína – Santa Catarina: quantidade exportada e receitas – 2021

Fonte: Comex Stat - Secex/ME, janeiro/2022.

Em 2021, Santa Catarina exportou carne suína para 70 países, mas os cinco principais destinos foram responsáveis por 83,6% dos embarques e 84,2% das receitas. China e Hong Kong responderam por 64,1% do valor das exportações catarinenses de carne suína no ano passado.

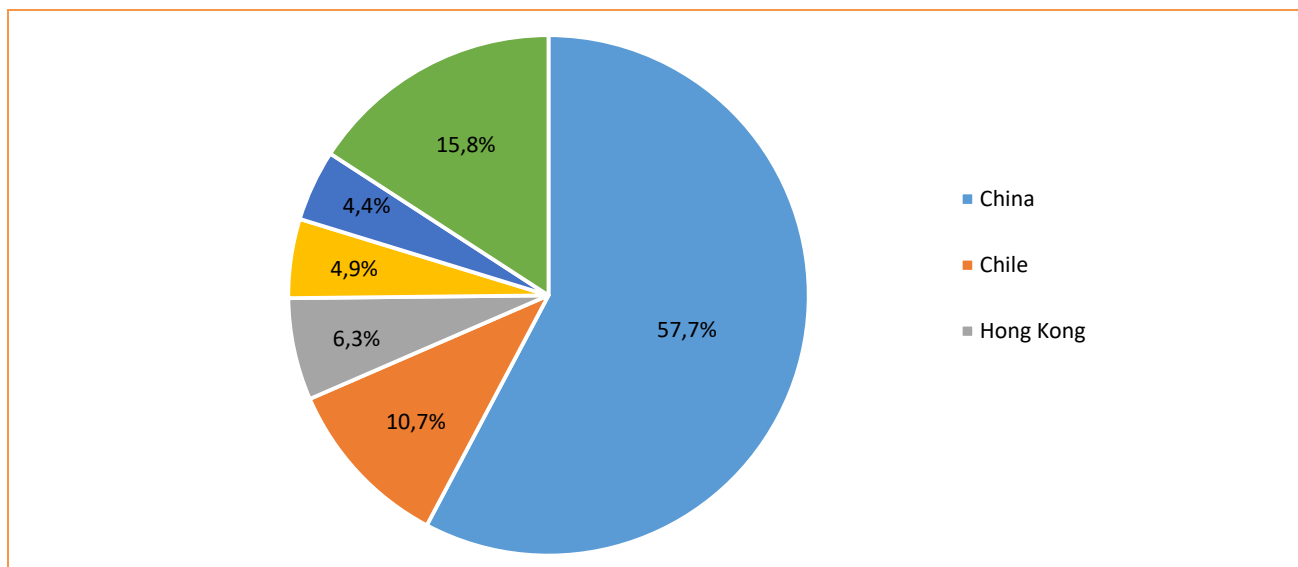


Figura 9. Carne suína – Brasil: participação dos principais destinos no valor exportado em 2021

Fonte: Comex Stat - Secex/ME, janeiro/2022.

Assim como nos anos anteriores, os bons resultados de 2020 devem-se, principalmente, ao crescimento dos embarques para a China. Em relação a 2020, as exportações para a China cresceram 4,5% em quantidade e 8,9% em receitas. Também destacam-se as altas registradas nas exportações catarinenses para Chile (38,7% em quantidade e 47,9% em receitas) e Filipinas (324,1% e 583,0%, respectivamente).

Santa Catarina foi responsável por **51,7%** da quantidade e **53,4%** das receitas brasileiras com exportação de carne suína em 2021.

Perspectivas para 2022

Dados preliminares da Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA) indicam que a produção de carne suína registrou crescimento de 6,0% em 2021, chegando a 4,70 milhões de toneladas. Em relação a 2022, a ABPA estima que a produção deverá ficar entre 4,80 milhões e 4,85 milhões de toneladas, cerca de 4% maior que 2021.

A expectativa é de que, em 2022, a China siga avançando na recomposição do seu plantel de suínos dizimado pela PSA. Contudo, as oscilações nos preços pagos ao produtor daquele país devem tornar esse processo mais lento e não linear. Além disso, há também expectativa de que a demanda chinesa siga crescendo, o que deve resultar numa demanda de importação elevada. Nesse contexto, o Brasil deve continuar tendo uma parcela importante do mercado chinês.

A ABPA estima que as vendas internacionais deverão ficar entre 1,15 milhão e 1,20 milhão de toneladas, montante aproximadamente 7,5% superior a 2021. A entidade destaca que os focos de peste suína africana e casos de influenza aviária identificados em diversos países fortalecem os produtos brasileiros no cenário internacional, já que o país mantém o status de livre dessas doenças.

Os custos de produção, que foram um dos grandes gargalos do setor em 2021, devem continuar elevados em 2022, pressionando as margens da atividade, avaliam pesquisadores do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea – Esalq/USP). A forte estiagem que afetou diversas áreas da região Sul no final de 2021 deve resultar em novas quebras de safra e, por consequência, contribuir para a manutenção de patamares elevados no preço do milho e da soja.

Além disso, o cenário de incertezas, tanto no Brasil quanto no mundo, deve limitar avanços expressivos no setor neste ano, além de resultar em forte volatilidade nos preços da cadeia.

Leite

Tabajara Marcondes
Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa
tabajara@epagri.sc.gov.br

Produção inspecionada

Em março, quando serão divulgados os dados estaduais da Pesquisa Trimestral do Leite (PTL/IBGE), relativos à quantidade de leite adquirida pelas indústrias inspecionadas no último trimestre de 2021, será conhecido o desempenho da produção leiteira brasileira de 2021. Conforme divulgado no Boletim Agropecuário de dezembro/21, até setembro o desempenho foi pior do que o de 2020, com redução de 1,2%⁷ na quantidade de leite adquirida (Tabela 1).

Tabela 1. Leite cru adquirido pelas indústrias inspecionadas, principais estados produtores

| Estado | Bilhão de litros | | | | | | Variação % | |
|---------------|------------------|---------------|---------------|---------------|---------------|---------------|---------------|--------------|
| | Anual | | | | | Até setembro | | Até setembro |
| | 2014 | 2017 | 2018 | 2019 | 2020 | 2020 | 2021 | 2020-21 |
| MG | 6,590 | 5,990 | 6,072 | 6,285 | 6,517 | 4,789 | 4,554 | -4,9 |
| PR | 2,972 | 2,935 | 3,092 | 3,308 | 3,518 | 2,570 | 2,608 | 1,5 |
| RS | 3,431 | 3,426 | 3,389 | 3,255 | 3,336 | 2,437 | 2,525 | 3,6 |
| SC | 2,340 | 2,758 | 2,723 | 2,761 | 2,892 | 2,129 | 2,186 | 2,7 |
| SP | 2,525 | 2,872 | 2,728 | 2,786 | 2,749 | 2,050 | 1,924 | -6,1 |
| GO | 2,685 | 2,465 | 2,526 | 2,636 | 2,514 | 1,849 | 1,849 | 0,0 |
| Subtotal | 20,543 | 20,446 | 20,530 | 21,031 | 21,526 | 15,824 | 15,646 | -1,1 |
| Outros | 4,204 | 3,888 | 3,927 | 3,980 | 4,115 | 3,014 | 2,959 | -1,8 |
| Brasil | 24,747 | 24,334 | 24,457 | 25,011 | 25,641 | 18,838 | 18,605 | -1,2 |

Nota: 2020 e 2021 - Dados preliminares.

Fonte: IBGE - Pesquisa Trimestral do Leite.

Considerando a possibilidade de que o ano de 2021 tenha fechado com esse decréscimo de 1,2% havido até setembro, as indústrias brasileiras terão adquirido 25,333 bilhões de litros em 2021. Comparando-se esta quantidade com os 24,747 bilhões de litros adquiridos em 2014, será um crescimento de apenas 2,4% nos últimos sete anos (2014 a 2021). A título de comparação, nos sete anos de 2007 a 2014 a quantidade adquirida cresceu 38,3%, o que evidencia a perda de vigor no crescimento da produção leiteira nos últimos anos.

Preços

As acentuadas flutuações nos preços são velhas conhecidas dos agentes da cadeia leiteira brasileira, particularmente das indústrias de lácteos e dos produtores leite.

No caso dos lácteos, um importante parâmetro dessas flutuações são os preços de referência dos Conseleites. Esses preços resultam de uma equação com alguns dados, entre os quais os preços médios e o mix de comercialização dos derivados vendidos pelas indústrias que participam do Conselho⁸. Nesse

⁷ Considerando que 2020 foi ano bissexto, a redução real até setembro foi de 0,9% e não 1,2%.

⁸ O preço de referência do leite é calculado a partir dos preços médios e o mix de comercialização dos derivados vendidos pelas indústrias que participam do Conselho, do rendimento industrial do leite na fabricação dos derivados vendidos e da participação do custo de produção do leite no custo total de produção dos derivados (que, além do custo de produção do leite, inclui o custo industrial de fabricação e o custo de comercialização).

sentido, a indexação dos preços de referência do Conseleite/SC mostra que, exceto em janeiro, em todos os meses de 2021 o preço real foi inferior ao do mesmo mês de 2020. Nos meses de novembro e dezembro, embora o Conseleite/SC sequer tenha publicado as resoluções com os preços de referência (por isso, o último valor tornado público em 2021 foi o preço de referência projetado para outubro), não se descarta a possibilidade de que tenham ficado abaixo dos valores dos mesmos meses de 2020 (Tabela 2). Na reunião deste mês de janeiro, marcada para o dia 26, pode se repetir o que houve nas reuniões de novembro e dezembro e não ser aprovada a resolução com os preços de referência para publicação.

Tabela 2. Leite padrão – Santa Catarina: preços de referência do Conseleite

| Mês | R\$/litro (1) | | Var. (%) 2020-21 | R\$/litro (2) | | Var. (%) 2020-21 |
|--------------------|---------------|---------------|---------------------|---------------|--------|---------------------|
| | 2020 | 2021 | | 2020 | 2021 | |
| Janeiro | 1,2273 | 1,6020 | 30,5 | 1,7769 | 1,8328 | 3,1 |
| Fevereiro | 1,2342 | 1,5218 | 23,3 | 1,7867 | 1,6952 | -5,1 |
| Março | 1,2974 | 1,5699 | 21,0 | 1,8478 | 1,7117 | -7,4 |
| Abril | 1,3192 | 1,5820 | 19,9 | 1,8779 | 1,6874 | -10,1 |
| Mai | 1,3091 | 1,6994 | 29,8 | 1,8438 | 1,7531 | -4,9 |
| Junho | 1,5176 | 1,8025 | 18,8 | 2,1037 | 1,8574 | -11,7 |
| Julho | 1,5588 | 1,7676 | 13,4 | 2,1115 | 1,7954 | -15,0 |
| Agosto | 1,7288 | 1,7950 | 3,8 | 2,2544 | 1,8258 | -19,0 |
| Setembro | 1,7994 | 1,7912 | -0,5 | 2,2715 | 1,8319 | -19,4 |
| Outubro | 1,7075 | 1,7265 | 1,1 | 2,0790 | 1,7380 | -16,4 |
| Novembro | 1,6703 | Não publicado | - | 1,9815 | - | - |
| Dezembro | 1,7121 | Não publicado | - | 2,0158 | - | - |
| Média anual | 1,5068 | - | - | 1,9959 | - | - |

Nota: R\$/litro na propriedade com Funrural incluso: (1) preço nominal, (2) preço corrigido (IGP-DI-12/2021) Outubro/2021: valor projetado.

Fonte: Conseleite/SC.

No caso dos preços efetivamente recebidos pelos produtores catarinenses, os levantamentos da Epagri/Cepa indicam que mesmo deflacionado o preço médio de 2021 ficou dois centavos acima do preço médio de 2020, com aumentos em alguns meses e reduções em outros. Neste caso, sobretudo no último quadrimestre do ano (Tabela 3).

Tabela 3. Leite – Santa Catarina: preço médio ⁽¹⁾ aos produtores

| Mês | R\$/litro ⁽²⁾ | | Var. (%) 2020-21 | R\$/litro (3) | | Var. (%) 2020-21 |
|--------------------|--------------------------|-------------|---------------------|---------------|-------------|---------------------|
| | 2020 | 2021 | | 2020 | 2021 | |
| Janeiro | 1,22 | 1,94 | 59,0 | 1,77 | 2,22 | 25,4 |
| Fevereiro | 1,26 | 1,78 | 41,3 | 1,82 | 1,98 | 8,8 |
| Março | 1,29 | 1,71 | 32,6 | 1,84 | 1,86 | 1,1 |
| Abril | 1,28 | 1,76 | 37,5 | 1,82 | 1,88 | 3,3 |
| Mai | 1,19 | 1,84 | 54,6 | 1,68 | 1,90 | 13,1 |
| Junho | 1,31 | 1,99 | 51,9 | 1,82 | 2,05 | 12,6 |
| Julho | 1,50 | 2,15 | 43,3 | 2,03 | 2,18 | 7,4 |
| Agosto | 1,66 | 2,17 | 30,7 | 2,16 | 2,21 | 2,3 |
| Setembro | 1,87 | 2,17 | 16,0 | 2,36 | 2,22 | -5,9 |
| Outubro | 1,95 | 2,12 | 8,7 | 2,37 | 2,13 | -10,1 |
| Novembro | 1,92 | 1,95 | 1,6 | 2,28 | 1,97 | -13,6 |
| Dezembro | 1,97 | 1,84 | -6,6 | 2,32 | 1,84 | -20,7 |
| Média anual | 1,54 | 1,95 | 27,1 | 2,02 | 2,04 | 0,7 |

⁽¹⁾ Preço médio mais comum das principais regiões produtoras.

⁽²⁾ preço nominal, (3) preço corrigido (IGP-DI-12/2021) .

Fonte: Conseleite/SC.

A rentabilidade da produção leiteira teve comportamento bem diferente, já que de 2020 para 2021, independentemente do mês que se tome por referência (abril, julho ou outubro), os custos de produção do litro de leite aumentaram cerca de 43%⁹, muito acima da variação do IGP-DI. A situação ficou particularmente mais grave nos dois últimos meses do ano, com a combinação de custos de produção em patamares elevados e preços recebidos em patamares baixos.

Balança comercial

Após terem atingido níveis bem significativos em 2016, as importações brasileiras de lácteos decresceram sucessivamente até 2019. Esse comportamento se reverteu em 2020, mas voltou a se repetir em 2021. A quantidade importada em 2021 foi 20,5% menor do que a de 2020. Este decréscimo decorreu da combinação do real desvalorizado, redução do consumo, queda dos preços internos dos lácteos e elevação dos preços internacionais. As exportações tiveram comportamento inverso, com aumento de 21% sobre a quantidade de 2020. Com isso, o déficit da balança comercial brasileira de 2021 foi de 101,4 milhões de quilos de lácteos, o menor patamar dos últimos anos (Tabela 4).

Tabela 4. Balança comercial brasileira de lácteos

| Ano | Importação | | Exportação | | Saldo | |
|------|--------------|----------------|--------------|----------------|--------------|----------------|
| | Milhão de kg | Milhão de US\$ | Milhão de kg | Milhão de US\$ | Milhão de kg | Milhão de US\$ |
| 2016 | 242,6 | 641,1 | 52,6 | 160,6 | -190,0 | -480,5 |
| 2017 | 166,3 | 545,3 | 36 | 102,2 | -130,3 | -443,1 |
| 2018 | 149,8 | 468,1 | 22,2 | 55 | -127,6 | -413,1 |
| 2019 | 139,3 | 434,1 | 23,8 | 53,8 | -115,5 | -380,3 |
| 2020 | 171,6 | 531,6 | 29 | 63,1 | -142,6 | -468,5 |
| 2021 | 136,5 | 471,4 | 35,1 | 85,2 | -101,4 | -386,2 |

Fonte: Ministério da Economia: Comex Stat, janeiro/2022

A exemplo de 2020, a Argentina, o Uruguai e o Paraguai, parceiros brasileiros do Mercosul, foram as três principais origens das importações brasileiras de lácteos, respondendo por 92% da quantidade importada em 2021.

⁹ Consultar em: <https://cepa.epagri.sc.gov.br/index.php/produtos/custos-de-producao/>.